



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Nara Rosana Godfried Nachtigall

COMO ALUNOS DOS ANOS INICIAIS VISUALIZAM O ENVELHECIMENTO
EM OUTROS E EM SI-MESMOS?

Porto Alegre

2019

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Nara Rosana Godfried Nachtigall

**COMO ALUNOS DOS ANOS INICIAIS VISUALIZAM O ENVELHECIMENTO
EM OUTROS E EM SI-MESMOS?**

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Trabalho, Movimentos Sociais e Educação.

Orientador: Prof. Dr. Johannes Doll

Porto Alegre

2019

Nara Rosana Godfried Nachtigall

**COMO ALUNOS DOS ANOS INICIAIS VISUALIZAM O ENVELHECIMENTO
EM OUTROS E EM SI-MESMOS?**

Dissertação de Mestrado apresentada como cumprimento das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em: de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Johannes Doll
Orientador – UFRGS

Profa. Dra. Denise Costa Ceroni
Docente da Faculdade de Pedagogia – UNIRITTER

Profa. Dra. Doris Maria Luzzardi Fiss
UFRGS – PPGEDU

Profa. Dra. Fernanda dos Santos Paulo
Universidade do Oeste de Santa Catarina –
Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE)

Dedico este trabalho aos meus alunos e aos idosos, que me abraçaram com força durante este período de estudo, e a todas as pessoas especiais, que caminharam comigo e me deram o carinho, a força e a coragem para realizar este estudo.

AGRADEÇO [...]

A Deus, por me acompanhar em todos os momentos, guiando e iluminando meus caminhos;

À Nossa Senhora Aparecida, por me manter na Fé;

À minha Filha Eduarda que eu amo muito muitíssimo muito, por me apoiar e me ajudar durante o processo;

Ao meu esposo Silmar, por me acompanhar e pelo apoio incondicional;

Aos meus pais, irmãos, sobrinhos e genro;

Ao professor Dr. Johannes Doll, meu querido mestre, pela confiança a mim depositada e pelos conhecimentos compartilhados, és um orientador que, além de guiar-me ao caminho da pesquisa, é um amigo e um ser humano incomparável;

A professora Dra. Maria Rosa Fontebasso, pelo incentivo e apoio durante a minha trajetória acadêmica;

À CAPES, por proporcionar a bolsa para a realização do mestrado;

Aos meus colegas do mestrado, pelos momentos que dividimos juntos e as amizades construídas; em especial a Vanessa Curvello pela parceria e incentivo durante o mestrado;

A UFRGS e a Faculdade de educação PPGEdU pela oportunidade de realizar e dar continuidade a minha caminhada;

A Roseli Pereira secretária do PPGEdU pelo carinho, atenção e auxílio (e os cafezinhos);

A todos meus amigos;

Aos professores que aceitaram fazer parte da comissão examinadora, contribuindo para o enriquecimento desta dissertação

[...] então eu soube, eu descobri. Assim de repente. Descobri que nada é de repente. Dessa vez, a pesquisa do colégio não é só em livros nem fora de mim. É também na minha vida mesmo dentro de mim. Nos meus segredos, nos meus mistérios, nas minhas encruzilhadas escondidas [...]

[...] mudanças que eu mesma vou fazendo, por isso é difícil, às vezes dá vontade de chorar. Olhando para trás e andando para frente, tropeçado de vez em quando, inventando moda. É que eu também sou inventora, inventando todo dia um jeito novo de viver (Bisa Bia, Bisa Bel).

Para mim, o utópico não é o irrealizável; a utopia não é o idealismo, é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante. Por esta razão a utopia é também um compromisso histórico (FREIRE, 1979, p. 16).

LISTA DE SIGLAS

AEPPA – Associação de Educadores Populares de Porto Alegre

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

EP – Educação Popular

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

OMS – Organização Mundial da Saúde

ONG – Organização Não Governamental

RESUMO

A presente dissertação trata do processo natural do envelhecimento como um elemento importante a ser trabalhado em sala de aula, desde a educação básica; tema expresso no Estatuto do Idoso, sob a Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, que dispõe, no artigo 22: “Nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria”. Partindo disso, foi realizada, em uma escola pública na cidade de Viamão/RS, a experiência da inserção pedagógica de conteúdos voltados ao processo de envelhecimento. Com base nessa experiência, o estudo traz práticas a serem encorajadas, a fim de evidenciar as características e mudanças nos aspectos que vêm acontecendo no mundo e no Brasil, referente ao crescente envelhecimento etário da população, o que, por sua vez, poderá contribuir para um processo de humanização e para o relacionamento prazeroso e respeitoso entre as gerações. Entendendo que o envelhecimento é um fenômeno mundial, e que o crescimento da população de idosos nos remete à consciência de que a velhice é uma questão social, e que o Estatuto do Idoso nos aponta a importância de trabalhar o envelhecimento da população desde a educação básica, esta dissertação visa contribuir para a reflexão e estudos acerca do preparo da sociedade para lidar com os aspectos concernentes ao processo de envelhecimento, a fim de que se possa pensar em práticas que levem os indivíduos a conhecerem e compreenderem a importância do desenvolvimento humano, a ponto de se reconhecerem e conhecerem o outro, numa relação dialógica em que o principal seja alcançar uma conscientização da população, e, mais especificamente, dos educandos, para a necessidade de se ter um maior cuidado com os seus idosos, preparando-se, ao mesmo tempo, para que um dia venham a ser um. Diante do exposto, foram esquematizadas e aplicadas atividades com os alunos sobre o tema envelhecimento, que envolveram relações intergeracionais e sensibilização à questão do envelhecimento, despertando a curiosidade e reflexões. Esta dissertação, além de fomentar a sociedade a conhecer o processo do envelhecimento, vem prepará-la para conviver, adaptar-se e respeitar, trabalhando esse aspecto a partir da educação básica. Assim, oportuniza que os alunos compreendam a importância das políticas públicas, do respeito e de seus direitos, bem como provoca os docentes a uma experiência. Utiliza-se o método de abordagem direta, para uma melhor compreensão de si e do outro, com ênfase na construção intergeracional. O que se almeja é fornecer ao profissional da educação básica contribuições capazes de provocar o interesse de oferecer a seus alunos uma vivência educacional que aproxime as gerações, potencializando as interações, a compressão das faixas etárias e a preparação para cada fase da vida. Os efeitos da inserção pedagógica de conteúdos voltados ao processo do envelhecimento oportunizou o alcance dos objetivos propostos nesse estudo. Consideramos importante reforçar o entendimento de que somos parte de um sistema social, e que esse fenômeno mundial referente ao envelhecimento é tema relevante e atual para o desenvolvimento dos sujeitos.

Palavras-chave: envelhecimento; escola; criança; idoso; Educação Popular; intergeracional

ABSTRACT

The present dissertation debates the natural process of aging as an important subject to be worked in classroom since elementary school; as expressed in Statute of the Elderly (Estatuto do Idoso), under the Law (Lei) 10.741, from October 1st, 2003, which states in article 22 that “in the core curricula of the several degrees of formal teaching, it should be inserted contents regarding the aging process, the respect and valorization of the elderly, as to eliminate prejudice and produce knowledge on the subject”. From that, based in the experience of pedagogical insertion of contents about the process of aging performed in a public school in the city of Viamão/Rs, this study brings practices to be encouraged, intending to highlight the changes and characteristics on the current aspects, happening both in Brazil and in the world, regarding the increasing aging of the population, which, in turn, should contribute to the process of humanization and to a pleasant and respectful relationship between generations. Understanding that aging is a worldwide phenomena, that the increase of the elder population reminds us of the knowledge that aging is a social matter, and that the Statute of the Elderly points us to the importance of debating and working the aging of the population since elementary school, this dissertation aims to contribute to the reflections and studies on the preparation of society to deal with aspects concerning the aging process; to raise thinking on practices that take individuals to learn and comprehend the importance of human development, in an openly spoken relationship whose aim should be to conscientise the population, and, more specifically, the students and learners, to the need of better and bigger care of the elderly, meanwhile preparing them for the day they become one. In light of the previously stated, activities about aging were planned and applied on students, involving intergenerational relationships and sensitizing to the matter of aging, raising curiosity and reflections. Besides fomenting society to learn about the process of aging, this dissertation aims to prepare it to live, adapt and respect, working these concepts from elementary school and onwards. This way, it offers students a way to understand the importance of public policies, respect, and their rights, as well as an experience to the teachers. A straight approach was used in order to better understand each other, and the self, emphasizing intergenerational construction. The aim is to provide the elementary school worker with contributions capable of stimulating the interest to offer their students an educational experience that brings generations closer, empowering interactions and comprehension of age ranges and the preparation for each phase of life. The effects of the pedagogical insertion of contents related to the aging process allowed the achievement of the aims proposed in this study. We consider important to improve the understanding that we are part of a social system, and that the worldwide phenomena of aging is trending and relevant to individual development.

Keywords: Aging; school; children; elderly; popular education; intergenerational.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: COMPROMISSO	11
1.1 OBJETIVOS	20
1.1.1 Objetivo geral	20
1.1.2 Objetivos específicos	21
2 REVISÃO DA LITERATURA: A PRODUÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES A PARTIR DO PORTAL DA CAPES	22
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA – A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA	25
3.1 ENVELHECIMENTO	28
3.2 DESAFIOS DA INFÂNCIA: O SER CRIANÇA	32
4 METODOLOGIA	34
4.1 ASPECTOS METODOLÓGICOS E MOVIMENTOS INVESTIGATIVOS	36
5 CARACTERIZAÇÃO DA REGIÃO E DA ESCOLA PESQUISADA	38
6 PROCEDIMENTO DE PREPARAÇÃO DAS ATIVIDADES PRÁTICAS E SEUS OBJETIVOS: ESTRATÉGIAS, INSTRUMENTOS, COLETA E ANÁLISE DOS DADOS	39
7 A PRÁTICA DAS AÇÕES VIVENCIADAS E SENTIDAS	40
8 PARTICULARIDADES E ANALOGIAS	57
8.1 DISCUSSÃO DAS IDEIAS, CONCEITOS E ENTRELAÇAMENTOS PEDAGÓGICOS	59
8.2 CONCEITOS QUE SURGIRAM	61
8.3 RESULTADO DAS ANÁLISES	65
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS: O PROCESSO REALIZADO, VIVIDO E SENTIDO	76
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	82
APÊNDICE A: TERMO DE CONCORDÂNCIA DA INSTITUIÇÃO	89
APÊNDICE B: TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	90

1 INTRODUÇÃO: COMPROMISSO

Compromisso com a vida, com a Humanidade

Ao encontrar um estudo que me permitia conhecer as pessoas, apaixonei-me por aprender sobre o envelhecimento, porque podemos compreendê-lo desde a infância e nos prepararmos para ele. O desejo de aprender e a vontade de ensinar crianças, que querem brincar, que adoram dar risadas, que desconhecem as dificuldades da vida e a crueldade do mundo, despertaram-me a necessidade de mergulhar neste estudo (Nara Nachtigall).

Essa é uma dissertação sobre o compromisso pedagógico de educar para a vida. Um compromisso que me fez repensar o fazer educação. Meu interesse pelo tema sobre humanizar o ser humano desde sua infância surgiu na minha vida a partir das reflexões feitas ao longo de minha trajetória enquanto educadora social em Organizações Não Governamentais (ONG)¹. Esse interesse ganhou força, consistência e resistência durante a busca por novos conhecimentos que estou empreendendo no mestrado. Por mais de 19 anos, atuei em espaços de educação não escolar, em Porto Alegre, e sentia a necessidade de entender a relação ou a não relação entre temas que envolvam um currículo voltado à cidadania, à sustentabilidade e à relação global de temas geradores; ou seja, assuntos que possibilitem reflexão, investigação de novos conhecimentos e descobertas, problematizando-as. Essas relações me deixavam instigada, pois são possíveis componentes do currículo. Meu estudo foi realizado na escola em que leciono, com minha turma de alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. Faço parte do quadro de servidores da educação da rede municipal, atuando em uma escola da periferia, a qual me propiciou o aprofundamento do estudo relacionado a um tema global (e que, por sua vez, está afetando diretamente o Brasil): o envelhecimento da população. Essa curiosidade em compreender os processos que aproximam educação, trabalho intergeracional e a preparação das crianças para um novo cenário, o de um país envelhecido, foi o mote para a realização de diversas ações educacionais em sala de aula. Dedico-me, nesta pesquisa, ao estudo do tema na educação escolar; neste estudo, desenvolvo um trabalho sobre a consideração do processo de envelhecimento nos anos iniciais do ensino fundamental, objetivando compreender processos que aproximam educação escolar e não escolar.

Como professora, preocupo-me em como trabalhar sobre o processo do envelhecimento com a turma do ensino fundamental; considero esse tema de extrema importância para a formação cidadã, o que é corroborado pela Lei nº 10.741, de 2003, do Estatuto do Idoso, que

¹ As Organizações Não Governamentais, sem fins lucrativos, têm função social, são consideradas terceiro setor e executam atividades do primeiro setor.

declara, no art. 22: “Nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria”. Em sua teoria, Freire valoriza o aluno, e leva em consideração sua história, cultura, experiências e leitura de mundo para a construção do saber, numa relação dialética de aprendizagem. Dessa forma, utilizarei a experiência vivida, sentida e percebida pelos educandos. De nada adianta o discurso competente se a ação pedagógica é impermeável a mudanças (FREIRE, 1993).

A pesquisa e a escrita dessa dissertação trouxeram como evidência a necessidade de conhecer mais profundamente este cenário, a fim de que se pense em formações mais adequadas para professores e educadores. Fiquei deslumbrada em estudar e saber ao menos um pouco do que as crianças pensam sobre o envelhecimento. Durante o estudo, as perguntas que me moveram nessa busca por respostas foram:

- O que é importante, vindo das crianças, sobre o envelhecimento?
- O que elas já sabem, agora?
- O tema vai despertar ou não o trabalho?
- O que elas irão produzir a partir do trabalho realizado?

Assim, meu estudo foi sendo delineado a partir dessas indagações. Com as respostas das crianças e dos envolvidos nesse estudo, fui entendendo a importância da conscientização sobre o processo do envelhecimento, uma vez que isso pode representar uma contribuição importante para a formação de profissionais mais humanos, críticos e reflexivos, multiplicadores de experiências em Educação Popular. A meu ver, cabe ao educador e às políticas de formação de professores, bem como às políticas educacionais como um todo, estabelecer meios de aquisição de novas aprendizagens e concepções, baseados numa formação crítica e colaborativa, a partir de experiências concretas de visão de mundo, onde seja possível trabalhar, assim como tenho feito nessa turma, com o mundo percebido pelas crianças. É preciso aprender a ser coerente.

Para Bourdieu,

As diferenças entre as gerações e a potencialidade dos conflitos de gerações aumentam na medida em que são mais importantes as mudanças ocorridas na definição dos cargos ou nas maneiras institucionalizadas para ter acesso a eles, ou seja, os modos de geração dos indivíduos encarregados de ocupá-los. Na sequência, as diferenças relativas à diversidade dos modos de acesso ao cargo, em determinado momento, e que são, particularmente, visíveis nas populações bastante dispersas a este aspecto [...] (BOURDIEU, 2007, p. 276).

O aluno é parte da construção da sua constituição, que se dá, de acordo com Bourdieu, por meio da reprodução sistêmica do conceito de sociedade, por diferentes formas de expressões parecidas com a comunidade e os valores de seus pares. Bourdieu (2007) chama esse processo de construção do *habitus*, e define-o como meio de elaboração das trajetórias de cada indivíduo; esse processo não se dá sozinho, mas na interação e reprodução social, de acordo com suas vivências e possibilidades variadas, traduzindo costumes e formas de vida de cada comunidade e cada indivíduo. É importante observar neste estudo o quanto as crianças têm a dizer sobre o envelhecimento, levando-as a refletir a partir da prática de uma educação libertadora, consciente de que o aprender e o ensinar dar-se-ão simultaneamente entre a professora e o aluno, visto que a educação é dinâmica e transformadora.

A pergunta que norteou o presente estudo foi: “*Como as crianças da minha turma enxergam pessoas idosas e como elas mesmas percebem seu próprio processo de envelhecimento?*”. Em leituras de trabalhos sobre infância e envelhecimento, pude perceber que já existe alguma preocupação quanto ao assunto, e encontrei algumas pesquisas que se aproximam dessa curiosidade; contudo, não encontrei pesquisa sobre como as crianças veem seus próprios processos de envelhecimento; também não existem tantos estudos na área da educação nos quais possamos buscar conteúdos para serem trabalhados na educação básica. Foram importantes as leituras sobre o tema, com alguns autores, livros, teses e dissertações, tais como: Closs e Schwanke, que tratam da evolução do índice de envelhecimento no Brasil (CLOSS; SCHWANKE, 2012); o livro *Infância e Velhice* (GUSMÃO, 2003), que traz os desafios, onde se pode compreender que o idoso e o relacionamento entre as gerações são importantes para os dois; por isso, oferecer caminhos para essa relação idoso e criança é um desafio para o aprendizado de ambos; além desses, contei também com a leitura de muitos artigos do livro *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (NERI, 2016) e da *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, que discutem temas sobre envelhecimento ativo.

Ou seja,

Uma forma de liberação mais frequente de nossa criança interior é deixar extravasar percepções, sentimentos, conhecimentos e lembranças acumuladas em nossa infância, para, então, tentarmos compreender esse outro tão próximo e dentro de nós mesmos. De igual forma, quando pensamos sobre a velhice, o que nos vem à memória são os velhos que trazemos dentro de nós, desde a mais tenra idade, nossos avós, os avós dos nossos amigos (GUSMÃO, 2003, p. 47).

Contudo, para passar por esses desafios, é necessário pensar e refletir acerca desses aspectos, para que se qualifiquem as interações oferecidas na atualidade. E, acredito que esse estudo possa contribuir.

A vida é marcada por mudanças. É preciso estar atento às mudanças do mundo, bem como aos movimentos sociais, sendo que as áreas da saúde e da assistência social devem estar articuladas com a educação, e atentas a essa mudança no cenário brasileiro.

Para Rego:

Desde o nascimento, o bebê está em constante interação com os adultos, que não só asseguram sua sobrevivência, mas também medeiam a sua relação com o mundo. Os adultos procuram incorporar as crianças à sua cultura, atribuindo significado às condutas e aos objetos culturais que se formaram (1995, p. 59).

Tenho experiência de como uma comunidade articulada organiza a luta dos movimentos sociais para a superação de déficits na educação. Constatamos como a “cultura” onde estamos inseridos pode modelar algumas atitudes, mas não podemos permanecer na mesma direção: devemos seguir em busca de melhores resultados, que envolvam e consigam restaurar e/ou aumentar as vivências das crianças e da comunidade. Uma formação humanitária, com currículo voltado a pensar na vida das crianças, nos idosos e no futuro envelhecimento da população, poderá auxiliar nessa direção.

A experiência na Associação de Educadores Populares de Porto Alegre (AEPPA)² foi na luta por um curso de formação em Pedagogia com ênfase na Educação Popular (EP), que nos ofereceu parâmetros para melhor entender a atual conjuntura brasileira; mas não estudamos diretamente sobre o envelhecimento. As experiências e vivências nos Fóruns Paulo Freire, no Fórum de Educadoras e Educadores Sociais de Porto Alegre e no Curso de Formação de Educadores Sociais, no qual também leciono, é que me ofereceram suporte para continuar na busca de resultados referentes ao processo do envelhecimento, bem como na busca por respostas e formações nesse sentido. Com isso, fui ampliando o desejo pela pesquisa por esse tema, que traz o desenvolvimento humano voltado ao envelhecimento humano.

Segundo Shaffer (2005), o desenvolvimento humano refere-se a continuidades sistemáticas e mudanças no indivíduo, que ocorrem desde a sua concepção até a sua morte. Essas mudanças sistemáticas referem-se a mudanças ordenadas e que acontecem para todos os indivíduos em um mesmo período. Ou seja, todos nós nos desenvolvemos de formas diferentes, mas em cada etapa da vida há transformações, sejam cognitivas, sociais, emocionais e físicas.

² A Associação de Educadores Populares de Porto Alegre (AEPPA) foi criada em 14 de julho de 2000; sua finalidade é a busca por qualificação profissional, sua história é de mobilização popular em torno de questões da educação em Porto Alegre.

Segundo Camarano e Kanso (2016), a expectativa de vida e sobrevida nas idades avançadas é bastante elevada no Brasil, aproximando-se daquela observada nos países desenvolvidos.

Meu interesse no estudo e no resultado adquirido no processo sobre o desenvolvimento do envelhecimento e a apresentação desse tema nas escolas não se dão exclusivamente devido às mudanças na conjuntura brasileira no que se refere ao envelhecimento da população. Verifico também a necessidade de fomentar o estudo como uma das formas para tornar a vivência e a convivência entre gerações menos conflituosa. Para isso, é importante compreender o que os indivíduos apresentam com o passar do tempo, originando diversas mudanças, como a criação de um arcabouço de conhecimentos culturais, que tem um grande papel na contribuição da vida atual. É necessário também perceber que, com o passar do tempo, temos ganhos, mas também perdas; assim, limitações de ordem cognitiva, física, emocional e social vão sendo desencadeadas.

Tudo isso é importante, pois contribui para a nossa sustentabilidade social, no que se refere a ações que visem a melhorar a vida da população, com conhecimento e inclusão das temáticas intergeracionais no currículo do campo escolar, assim como preconiza o Estatuto do Idoso. Mühl e Esquinsani referem que:

O cotidiano escolar revela as potencialidades das crianças. Conhecendo o contexto e suas concepções, a educação torna-se produtiva, fornecendo mais liberdade para as crianças, incentivando-as a verem a realidade e a descobrirem outras formas de pensar e agir. É na sala de aula que ocorrem as trocas de significativas interações, que promovem o desenvolvimento das crianças através da aprendizagem, adquirindo conhecimento e saberes (apud MAZUTTI, 2004, p. 102).

Atualmente, na sociedade, ser idoso é o resultado de valores culturais de cada lugar; por isso, as concepções de idoso não são as mesmas para todos. Schneider e Irigaray destacam outro fator: “As associações negativas relacionadas à velhice atravessaram os séculos e, ainda hoje, mesmo com tantos recursos para prevenir doenças e retardá-las, é temida por muitas pessoas e vista como uma etapa detestável” (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008, p. 586). Então, podemos apurar que as mudanças e os valores das concepções dos idosos são atravessadas por vários fatores, sendo que as “condições históricas, políticas, econômicas, geográficas e culturais produzem diferentes representações sociais da velhice e também do idoso; resultam tanto das circunstâncias materiais de cada sociedade quanto de seu sistema de valores e crenças” (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008, p. 585).

Considerando a realidade escolar e social no Brasil como um todo, faz-se necessário formar cidadãos críticos e capazes de refletir e mudar o seu meio; em outras palavras, sujeitos conscientes do seu papel enquanto cidadãos, capazes de ressignificar os espaços escolares e suas relações, compreendendo e valorizando o idoso e toda sua cultura; sujeitos que, em decorrência do seu processo formativo, tragam desde muito cedo uma imagem social do idoso como um cidadão potencial em todos os sentidos da vida, evitando o preconceito. Para tanto, é preciso lutar por mudanças significativas no contexto escolar, que se convertam em uma educação básica de qualidade, na qual o sujeito

[...] passe a redefinir mitos e preconceitos que fazem parte da construção da imagem social do processo do envelhecimento. Isso permitirá descobrir a importância da educação, começando nos primeiros anos de escolaridade e continuando a adquirir conhecimento para viver plenamente em sociedade. É a socialização também um método de educação humana (WALBER, 2004, p. 55).

De acordo com a Constituição Brasileira, de 1988, “a educação é direito de todos e dever do Estado”; sendo assim, tanto crianças quanto idosos têm direito à educação em qualquer sociedade, sem qualquer discriminação. Para tanto, a educação escolar pode contribuir para uma sociedade com menos desrespeito às diferenças, sendo que uma forma de diminuir os preconceitos contra pessoas idosas é trabalhar com crianças a partir das suas ideias sobre a velhice, conscientizando-as de que todos envelhecerão, inclusive elas.

Por essa razão, entendo que essa dissertação poderá contribuir para que profissionais da educação e alunos compreendam como os idosos são vistos pela criança, e como elas imaginam o próprio processo de envelhecimento. Nesse sentido, o ponto de partida foi o entendimento de que toda criança será idoso algum dia, mostrando as fases do desenvolvimento infantil e sua progressão no decorrer dos anos.

Por isso, julga-se necessário ressaltar também a importância de se trabalhar em sala de aula o assunto *envelhecimento e idoso*. Importante, também, ter em conta o olhar da criança para a pessoa idosa, quando é da família e quando não é. Diante disso, surgiu-me algumas perguntas:

- Qual a ideia que as crianças têm sobre a velhice?
- As crianças imaginam seu próprio envelhecimento?
- Como são os idosos que a criança conhece?
- Como gostariam que fosse o mundo para que as pessoas idosas vivessem melhor?
- Os idosos são valorizados?

No ano de 2010, ano em que a maioria dos alunos que fizeram parte da pesquisa nasceu, a expectativa de vida no Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, era de 73,26 anos, ou seja, essa é a expectativa de vida dos alunos participantes da pesquisa. Esse cenário está se modificando de forma bastante rápida com o passar dos anos, sendo que em 2016 já era de 75,8; ao considerar uma perspectiva de gênero, esse número varia de 79,4 para mulheres e 72,2 para homens.

Os dados mostram que a expectativa de vida alterou-se ao longo do período de vida dos alunos com os quais se dará a pesquisa. No Brasil, a questão do envelhecimento da população evoluiu juntamente com a expectativa de vida; por isso, é importante que se preste atenção a essas mudanças, interagindo de forma prática para um acompanhamento e preparação das questões relativas a elas.

Santos (2003) acredita que fazer uma reflexão sobre o envelhecimento e a criança seja uma tarefa difícil, pois, quando a criança faz uma releitura das suas próprias recordações, é preciso ficar atento para que ela não se distancie de novas e mais vivências. É preciso favorecer um aprendizado onde a criança possa compreender o processo de desenvolvimento e envelhecimento humano do qual ela faz parte.

A questão do envelhecimento não é só um assunto existencial, mas é preciso considerar que o envelhecimento populacional tornou-se também uma questão política. No Brasil, a primeira lei especificamente formulada a respeito do envelhecimento é a Lei da Política Nacional do Idoso (Lei nº 8.842/94): no capítulo II dos Princípios e das Diretrizes, na seção I, artigo 3º, o processo de envelhecimento diz respeito à sociedade em geral, devendo ser objeto de conhecimento e informação para todos.

Ainda, no capítulo IV, para garantir uma proposta de inclusão, tem-se:

[...] b) inserir nos currículos mínimos, nos diversos níveis do ensino formal, conteúdos voltados para o processo de envelhecimento, de forma a eliminar preconceitos e a produzir conhecimentos sobre o assunto; c) incluir a Gerontologia e a Geriatria como disciplinas curriculares nos cursos superiores; d) desenvolver programas educativos, especialmente nos meios de comunicação, a fim de informar a população sobre o processo de envelhecimento.

Nas Diretrizes, artigo 4º, consta:

Constituem diretrizes da política nacional do idoso: I – viabilização de formas alternativas de participação, ocupação e convívio do idoso, que proporcionem sua integração às demais gerações; II – participação do idoso, através de suas organizações representativas, na formulação, implementação e avaliação das políticas, planos, programas e projetos a serem desenvolvidos.

No artigo 3º, parágrafo único, do Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741/2003), consta: “A garantia de prioridade compreende: [...] IV – viabilização de formas alternativas de participação, ocupação e convívio do idoso com as demais gerações”.

Assim, como já citado o artigo 22 do Estatuto do Idoso, que se trabalhe, mesmo que minimamente, nos seus diferentes níveis de ensino, os conteúdos referentes ao envelhecimento humano, propondo uma valorização do idoso e as interações entre as gerações, o que pode favorecer a inclusão do tema sobre envelhecimento, de modo que seja possível fornecer uma ampla informação a toda população.

A Gerontologia pode demonstrar à Educação a importância de abordar o envelhecimento como uma base fundamental para viver bem em uma sociedade que envelhece cada vez mais; por outro lado, a Educação pode ajudar a Gerontologia a compreender a vida como um processo de aprendizagem constante, ajudando, a partir de suas bases teóricas, a melhor entender esse processo (DOLL, 2016, p. 1602).

Portanto, são previstos por lei informações e conhecimentos a respeito de temas gerontológicos, bem como a preparação de profissionais, para que atuem na educação e abordem esse tema desde o ensino básico. Assim, julgo necessário estudar sobre o que seja envelhecer desde o ensino básico. Esse será um caminho para a formação de cidadãos conscientes de sua própria humanidade.

A Educação Popular é essa pedagogia da libertação que busca desvelar o currículo oculto (GIROUX, 1997) e propor alternativas a partir de um currículo e formação de *tomada de consciência à conscientização*. O currículo escolar deve promover conhecimento com justiça e dignidade humana, visando uma perspectiva de *pedagogia da libertação*. Saul (2010) também destaca a importância de um currículo que abarque uma educação popular, para que a educação seja integralizada de maneira a cuidar melhor dos conflitos sociais. A questão do envelhecimento está inserida num dos conflitos da sociedade atual noticiados diuturnamente através de fatos de desrespeito a idosos.

Uma das tarefas da educação popular progressista, ontem como hoje, é procurar, por meio da compreensão crítica de como se dão os conflitos sociais, ajudar o processo no qual a fraqueza dos oprimidos se vai tornando força capaz de transformar a força dos opressores em fraqueza (FREIRE, 1992, p. 126).

Pierre Bourdieu (2008) surge nos escritos de Freire quando ele se refere à teoria da reprodução. Essa referência articula-se ao poder simbólico presente na estrutura de classe, cujo poder dominante se manifesta nos *habitus*, nas diferentes formas e espaços. O autor destaca que as diferenças entre as classes sociais são marcadas principalmente pelos aspectos culturais, que,

assim, formam um capital cultural, o qual, por sua vez, se manifesta em diversos espaços, de diferentes formas. Um desses espaços é a escola, e uma das formas está no conceito de currículo. O conceito é multifacetado, e a crítica de Freire e de Bourdieu concerne ao currículo dominante e reprodutor das desigualdades sociais.

É importante buscar, na educação popular, saberes prévios construídos pelos sujeitos ao longo de suas vidas e pelo meio em que vivem; também é importante considerar e acrescentar novos saberes, valorizando a experiência e vivências de cada sujeito, para que sejam contemplados as diversidades culturais e os distintos saberes.

Por que não estabelecer uma necessária “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? (FREIRE, 2015, p. 34).

A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando “blablablá” e a prática, ativismo (FREIRE, 2015, p. 24).

De acordo com Edina Castro, no prefácio do livro *Pedagogia da autonomia*, de Paulo Freire:

A sensibilidade com que Freire problematiza e toca o educador aponta para a dimensão estética de sua prática que, por isso mesmo pode ser movida pelo desejo e vivida com alegria, sem abrir mão do sonho, do rigor, da seriedade e da simplicidade inerente ao saber-da-competência (FREIRE, 2015, p. 13).

Entretanto, hoje, existe suficiente consistência teórica nas formas alternativas de estudar, pesquisar, ensinar e aprender, para dar tranquilidade a todos aqueles que se “aventuram” nessa direção (GADOTTI; FREIRE; GUIMARÃES, 1995, p. 98). Nesse sentido, a educação popular contribui criticamente com a realidade e com a conjuntura atual que vivemos, para produzirmos nossas próprias histórias, reinventando e refazendo-as.

Olhando para o envelhecimento, isso não representa apenas uma preparação para a morte; representa também a chance de transmitir as experiências vivenciadas às futuras gerações, de modo a auxiliar, desde a educação básica, os alunos a desenvolverem habilidades e competências³. A vida, muitas vezes, não é fácil para muitas pessoas; em nosso caminho, há várias passagens, boas e ruins, e, também, encontramos pessoas que nos ajudam a melhorar e a nos desenvolvermos. Dessa maneira, os momentos difíceis, bem como os momentos de alegria, acabam servindo para nos fortalecer, preparando-nos para superarmos as dificuldades e nos

³ Ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade, saberes necessário as a pratica educativa. (Freire, 2015, p. 89).

transformarmos, assimilando, assim, em nossa formação, o aprendizado resultante do modo como nos colocamos diante de cada alegria e dificuldade vivenciados.

Para Freire (2014), o importante é reconhecermos o ser humano como capaz de permanentes relações com o mundo e com o seu coletivo, junto ao qual é necessário lutar para transformar a sociedade por meio do trabalho cultural e educacional, reconhecendo-nos como pessoas que têm consciência de sua cultura e a valorizam, ainda que de diferentes maneiras. Novamente, como nos diz Freire, consciência, conhecimento e cultura não são categorias estáticas, realizam-se na experiência de vida:

Apesar de tudo isto, porém, e talvez por isto mesmo, não há absolutização da ignorância nem absolutização do saber. Ninguém sabe tudo, assim como ninguém ignora tudo. O saber começa com a consciência do saber pouco (enquanto alguém atua). Pois é sabendo que sabe pouco que uma pessoa se prepara para saber mais. Se tivéssemos um saber absoluto, já não poderíamos continuar sabendo, pois que este seria um saber que não estaria sendo. Quem tudo soubesse já não poderia saber, pois não indagaria. O homem, como um ser histórico, inserido num permanente movimento de procura, faz e refaz constantemente o seu saber (FREIRE, 1985, p. 31).

Por essa razão, novos saberes se fazem necessários, não se esquecendo dos saberes já existentes, o que acaba por gerar uma reflexão dialógica, problematizando os saberes e construindo novos caminhos; e, isso, se faz com educação de resistência, inclusão cultural e educacional a serviço do coletivo, com consciência política, gerando outro novo saber.

As interrogações proporcionadas pelo referencial teórico estudado ao longo dos anos e as vivências do cotidiano escolar levaram-me à construção dos objetivos que seguem.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Compreender e analisar como as crianças veem/percebem os idosos e de que forma elas percebem seu próprio processo de envelhecimento.

1.1.2 Objetivos específicos

- Evidenciar noções existentes no imaginário dos alunos sobre o processo de envelhecimento deles próprios;
- Identificar quais interfaces podem ser feitas entre os saberes das crianças e aqueles advindos das pessoas idosas que elas conhecem;
- Avaliar se o conceito de processo de envelhecimento e o do seu próprio envelhecimento fazem sentido à criança;
- Identificar se o projeto político-pedagógico da escola contempla o lugar da convivência intergeracional.

Desenvolver uma pesquisa sobre como as crianças veem ou percebem o envelhecimento. Acompanhar o cotidiano dos alunos do ensino fundamental, por um período composto por 30 ações. Este estudo poderá ainda fundamentar atividades educacionais, visando um desenvolvimento das relações intergeracionais. São ações necessárias para o alcance do objetivo geral, estabelecendo enlaces entre estudos e práticas de modo dialógico.

2 REVISÃO DE LITERATURA: A PRODUÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES A PARTIR DO PORTAL DA CAPES

São poucos os trabalhos que buscam compreender o conhecimento que as crianças possuem sobre o envelhecimento. Há poucas pesquisas sobre envelhecimento em áreas que não sejam da saúde; e há muitas pesquisas sobre infância, mas poucas sobre intergeracionalidade. Ademais, são escassas as pesquisas que propõem a questão sobre a importância de se trabalhar este assunto nas escolas, tendo em vista o preconceito bem estabelecido na sociedade em relação ao idoso. Localizei algumas publicações, entre teses, dissertações e artigos, que se aproximaram do estudo que realizei. Dessa forma, realizei um levantamento bibliográfico nas Bases de dados eletrônicas Scielo e no *Catálogo de Teses da CAPES*, usando os seguintes descritores:

- Criança AND (Idoso OR envelhecimento) AND Escola;
- Criança AND (Idoso OR envelhecimento);

Os descritores, acima citados, foram utilizados independentemente ou combinados: AND e OR. A busca foi realizada com o seguinte critério: estar integralmente disponíveis. A seleção inicial dos artigos, teses e dissertações foi mediante a leitura dos títulos e resumos, separando-se artigos relacionados com o objetivo desta pesquisa. No Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES foi utilizado o filtro: ciências sociais e ciências humanas. Foram encontrados os seguintes resultados:

Descritores	Scielo		Catálogo de Teses e dissertações da CAPES	
	Encontrados	Relacionados	Encontrados	Relacionados
Criança AND (Idoso OR envelhecimento) AND Escola	0	0	2	1
Criança AND (Idoso OR envelhecimento)	38	3	82	6

Na tabela, a seguir, estão apresentadas as características dos artigos, dissertações e teses com relação à pesquisa do presente projeto.

Caracterização dos estudos

Título	Autores/Ano de publicação	Unitermos	Objetivo
Criança AND (Idoso OR envelhecimento) AND Escola			
Olha pra mim: encontro de gerações intermediado pela escrita de cartas.	Santos, Divina de Fátima dos – 2015	Troca de cartas; Escrita terapêutica; Interação intergeracional.	Analisar os benefícios da troca de cartas entre gerações muito distintas, investigando o quanto o ato de escrever sobre acontecimentos da vida cotidiana pode estar associado a uma melhor autopercepção dos participantes do processo.
Criança AND (Idoso OR envelhecimento)			
Opinião de crianças sobre o lar de longa permanência para idosos: mudanças por contato lúdico.	Samantha Ribeiro – Ultramarí – 2007	Criança e idoso institucionalizado. Representação da velhice pelo desenho infantil. Avaliação neuropsicológica do idoso. Interação lúdica criança e idoso.	Verificar a opinião da criança por meio do desenho sobre o Lar de Longa Permanência para Idosos, antes e depois de contato lúdico com idosos institucionalizados.
Cultura infantil e envelhecimento: o que as crianças têm a dizer sobre a velhice? Um estudo com meninos e meninas da periferia de Porto Alegre.	Anne Carolina Ramos – 2006	Infância; velhice e representação.	Saber o que as crianças descrevem e ilustram sobre os marcadores identitários da velhice, evidenciando diferentes representações acerca dos idosos.
A abordagem da temática velhice nos livros didáticos de língua portuguesa direcionados à 1ª série do Ciclo I do Ensino Fundamental.	Denise Araújo da Silva – 2006	Envelhecimento, Velhice, Idosos, Estatuto legal, Leis.	Analisar a contemplação negativa da imagem do idoso nos livros didáticos.
Concepções e representações de envelhecimento e sujeito idoso: uma contribuição para o ensino mediante conhecimentos favoráveis à inserção social.	Cecília Barros Carvalho – 2004	Educação. Idosos. Envelhecimento humano. Envelhecimento populacional. Saúde Pública.	Analisar a influência da escola e das práticas pedagógicas na construção dos conceitos de “envelhecimento humano” e “sujeito idoso”, além de investigar se elas oferecem uma educação favorável à inserção social. Foram avaliadas as concepções e representações sociais acerca do envelhecimento humano.
Ser professor no tempo do envelhecimento: professoralidade em cena.	Rita de Cássia Magalhães Trindade – 2001		Analisar as peculiaridades do envelhecimento de professores/as, considerando que ser velho é uma invenção cultural e que o envelhecimento precisa ser desvendado a partir de quem vivencia e de como é elaborado pelos professores.

Pedagogia da idade – o discurso sobre o velho e o envelhecimento no ambiente escolar.	Edmundo de Paula Gomes Júnior– 2007	Envelhecimento, Educação, Escola e Ideologia.	Compreender e entender o discurso produzido e reproduzido sobre o idoso na rede escolar. E como a escola recebe o estatuto do idoso, se é aplicado ou não na rede escolar.
Avaliação da atitude de crianças que convivem com idosos em relação à velhice.	Bruna Moretti Luchesi, Giselle Dupas, Sofia Cristina Iost Pavarini – 2012	Relação entre gerações; Idoso; Criança; Atitude; Enfermagem familiar.	Avaliar a atitude de crianças que convivem com idosos, em relação à velhice.
Avaliação da atitude das crianças que residem com idosos em relação à velhice.	Nathalia Alves de Oliveira, Bruna Moretti Luchesi, Keika Inouye, Elizabeth Joan Barham, Sofia Cristina Iost Pavarini		Avaliar a atitude de crianças que residem com idosos com doenças crônicas, em relação à velhice.
Alterações cognitivas de idosos no contexto domiciliar e atitudes de crianças em relação à velhice.	Bruna Moretti Luchesi, Sofia Cristina Iost Pavarini, Aline Silveira Viana	Idoso / Criança; Relação entre gerações; Atitude; Enfermagem familiar.	Avaliar e comparar a atitude de crianças que moram com idosos com e sem alterações cognitivas, em relação à velhice.

Ao fazer o levantamento das pesquisas encontradas, compreendo que meu estudo vem auxiliar com um novo aspecto, uma vez que realizei uma pesquisa que, além de buscar saber como pensam as crianças a respeito do envelhecimento, também buscou compreender o que elas pensam sobre seu próprio envelhecimento, e como aplicar esse estudo na escola.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA – A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

Esta pesquisa tem relevância para o campo da educação, uma vez que o envelhecimento faz parte da condição humana e, em nossa opinião, deveria ser discutido, como propõe o Estatuto do Idoso. Sendo assim, a sala de aula pode ser o espaço ideal para a reflexão dos alunos, desde sua infância e adolescência, sobre o próprio processo de envelhecimento.

É preciso também considerar que a criança tem, de maneira geral, muito a dizer sobre seus saberes e seu processo de aprendizagem. Nas diferentes culturas, com seus respectivos valores, é possível observar diferentes aspectos dos conhecimentos que a criança tem sobre diversos assuntos, dentre eles o envelhecimento, a partir de sua interação com a intergeracionalidade. Partindo dessa percepção, considero que o presente estudo trará importantes contribuições, ao evidenciar o protagonismo das crianças, no sentido de escutá-las, e, ao mesmo tempo, propor uma ação concreta. Ou seja, entendo que este estudo possibilitará contribuições metodológicas para ações escolares sobre o envelhecimento populacional, bem como um maior contato intergeracional, fomentando reflexões sobre infância e envelhecimento no currículo escolar.

De acordo com Gomez (2015), o professor deve ter a capacidade de provocar o desenvolvimento das potencialidades únicas e diversificadas de cada aluno, amar a singularidade e adaptar o currículo às necessidades de cada aluno. Mas, para que possa desenvolver tais aspectos em sua prática, o professor precisa conhecer como acontecem os processos educativos e dominar conteúdos que o auxiliem a compreender o desenvolvimento do aluno. Entretanto, sabe-se que:

[...] assim como a riqueza, os conhecimentos produzidos pela humanidade também são distribuídos desigualmente na sociedade, colocando aquele que não tem acesso a esse conhecimento em uma posição subalterna. Este é o sentido da função equalizadora da educação: colocar todos num mesmo patamar de igualdade pelo acesso e apropriação do conhecimento, necessário para a construção de uma sociedade democrática (CRAIDY; SZUCHMAN, 2015, p. 95).

De acordo com Lima (2008), ao longo das décadas, as discussões sobre as fases da vida foram se organizando por conta do fomento obtido nos meios de investigação acadêmica e das contribuições interdisciplinares, uma vez que os problemas levantados mobilizam os saberes das mais diversas áreas (medicina, psicologia, educação, sociologia, antropologia, demografia, políticas públicas, geriatria, gerontologia). Cabe inferir, ainda, que uma formação política

empenhada no processo de libertação dos profissionais que atuam na educação poderá contribuir para o fortalecimento da aprendizagem e da empatia sobre o envelhecer humano.

Para inserir a temática do envelhecimento e das relações intergeracionais nas escolas, é necessário que todo esse processo de ensino/aprendizado seja visto de forma ampla, ou seja, é importante que o projeto político-pedagógico da escola tenha um espaço destinado ao lugar da convivência intergeracional. Isso, numa perspectiva da Educação Popular, ampla de acesso e de entendimento de todos os envolvidos, consolidando a função educacional e política, no intuito de propor atividades que envolvam o desenvolvimento integral dos alunos no âmbito escolar, que possibilite a busca de seu *ser mais* (FREIRE, 1993).

Nesse sentido, a qualificação da educação requer uma formação permanente do professor, que se funda em uma prática reflexiva e crítica (FREIRE, 2001). Tal característica só pode ser alcançada significativamente a partir de um diálogo profundo com o conhecimento inovador, que surge da pesquisa, em uma relação dialética com os saberes oriundos das práticas sociais (ZITKOSKI; MORIGI, 2013).

Contribuições da pesquisa:

1. Papel importante desta investigação; mediação crítico-reflexiva da escola. A escola pode oferecer uma reflexão sobre o processo do envelhecimento humano, aproximando a criança desse cenário. Com conhecimentos e com o encontro intergeracional. Este poderá ser um caminho para o desenvolvimento da infância baseado em um acolhimento humanizado e numa reflexão sobre o curso da vida desde o ensino básico.
2. Esta investigação pode contribuir para uma visão de sociedade voltada para o futuro, com o enfrentamento dos procedimentos educativos que visam a uma homogeneização do diverso, aos quais são sujeitos crianças e idosos.

Em outras palavras, a escola poderá contribuir para uma melhor qualidade de vida futura, apontando caminhos que escapem ao controle e opressão da sociedade moderna como nos aponta Gusmão:

A infância e a velhice são universos que a sociedade moderna e seus esquemas de poder tentam colocar sob controle e adequação de seus próprios interesses, mas que escapam com frequência a essa opressão, ou permanentemente ameaçam escapar, pois que não estão inteiramente subsumidos aos ditames da ordem social objetiva, como, de resto, nem os adultos estão, embora não o percebam claramente (GUSMÃO, 2003, p. 25).

A criança e o idoso têm a seu favor, respectivamente: o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, e o Estatuto do Idoso. Ambos efetivam os direitos para grandes parcelas da população infantil e idosa. O padrão para pensar a sociedade é o adulto, enquanto que os idosos e a criança ainda estão nas pontas, por isso mesmo, podem em algum momento escapar da opressão causada pelo capital (GUSMÃO, 2003).

Os currículos escolares são propostos por faixa etária. A escola é seriada e as turmas são compostas por crianças de faixa etária e série equivalente, sendo-lhes atribuídas disciplinas, atividades e conteúdos distintos a cada fase etária do desenvolvimento, não havendo por diversas vezes um diálogo entre elas. Ou seja, o currículo é proposto, na maioria das vezes, por série e idade, tampouco existe um movimento de formação intergeracional, onde se possa conhecer cada faixa etária em seus aspectos físicos e psicológicos que cada fase apresenta, sendo visto e estudado por ambas as fases etárias. Para Santos, “outro enfoque importante a ser destacado é que o contato intergeracional propicia o exercício de uma prática educativa e a transmissão da cultura” (2003, p. 53). Portanto, é necessário conhecer mais profundamente o cenário sobre o envelhecimento populacional no Brasil, para que seja mais compreendido. Como exemplo de ações possíveis, pode-se citar a construção de propostas de conscientização que envolvam visitas a locais de convivência de idosos, grupos de convivência e visitas de idosos na escola. Também se compreende que é imprescindível a preparação dos professores para a realidade de que o país está cada dia mais idoso, para que possam, posteriormente, trabalhar essa questão de maneira consciente e efetiva com abordagens e reflexões em sala de aula, que visem a compreender melhor as necessidades dos idosos.

Deste modo, ressalta-se a importância de se considerar essencial pensar e refletir acerca desse tema, para que se qualifiquem os serviços hoje oferecidos, tanto o escolar, quanto os serviços de convivência e/ou de saúde. Para tanto, é importante a promoção de encontros intergeracionais, com trocas de saberes e, após, reflexões sobre os benefícios da vida construída e vivida. Além disso, é preciso considerar que todos nós temos nosso próprio processo de envelhecimento, e, dessa forma, é interessante pensar na sustentabilidade da vivência dessa fase da vida, para que se possa oferecer possibilidades de um processo saudável, e que também possa ser multiplicado.

3.1 ENVELHECER

Segundo Papaléo Netto (2016), o envelhecimento é um processo natural e dinâmico, que ocorre de forma gradual, podendo ser caracterizado pelas mudanças nos aspectos etário e social, que consiste em um grande acúmulo de saberes, mas também diminuição de algumas capacidades físicas, cognitivas ou até de saúde, acarretando algumas limitações, mas também um aumento de maturidade e conhecimento. O autor ainda destaca que:

A idade social tem relação com a avaliação da capacidade de adequação de um indivíduo ao desempenho de papéis e aos comportamentos esperados para as pessoas de sua idade em um dado momento da história de cada sociedade. Dessa forma, as experiências de envelhecimento e velhice podem variar no tempo histórico de uma sociedade, dependendo de circunstâncias econômicas (PAPALÉO NETTO, 2016, p. 10).

Entre as modificações citadas, é preciso ressaltar que há alterações e declínio biológico, algumas perdas de visão e audição, alterações da pele, diminuição da força muscular. Constatasse também que ocorrem outras perdas nesse processo, como é o caso do declínio das funções cognitivas, tais como aprendizagem, memória, atenção, vigilância, raciocínio e solução de problemas (BISHOP, 2010).

O mundo está envelhecendo, e este fato pode ser evidenciado, pois existe um processo de reestruturação demográfica que se caracteriza pela redução das taxas de fecundidade com aumento da expectativa de vida, fruto de conquistas de âmbitos científico, tecnológico e social (CLOSS; SCHWANKE, 2012; ARAÚJO et al., 2011). Segundo Burlá e colaboradores (2013), o aumento da expectativa de vida é uma consequência da diminuição das taxas de mortalidade por doenças infectocontagiosas e crônicas em todas as idades devido à melhoria das condições de vida em geral, do avanço da medicina e de um maior acesso aos serviços de saúde (BURLÁ et al., 2013).

Este fenômeno mundial ocorre principalmente nos países em desenvolvimento (demonstrando melhorias das condições de vida). Segundo o IBGE 2010, o Brasil também caminha velozmente rumo a um perfil demográfico cada vez mais envelhecido. O índice de envelhecimento aponta para mudanças na estrutura etária da população brasileira: em 2008, para cada grupo de 100 crianças de 0 a 14 anos, existem 24,7 idosos de 65 anos ou mais; em 2050, o quadro mudará, e, para cada 100 crianças de 0 a 14 anos, existirão 172,7 idosos. Ou seja, os resultados definitivos do Censo de 2010 apontam uma diminuição na proporção de jovens e um aumento na de idosos.

Atualmente, existe uma estimativa de que aproximadamente 10,7% da população mundial seja formada por pessoas com 60 anos ou mais (IBGE). Ainda, as pessoas com 65 anos representavam 5,9% da população, em 2000, e aumentaram para 7,4%, em 2010, no Brasil. De acordo com as projeções do IBGE (2013), no Brasil, o número de idosos irá quadruplicar até 2060, representando assim 26,7% da população. Em relação ao Estado do Rio Grande do Sul, constata-se que apresenta historicamente a maior longevidade, tendo a maior projeção de aumento de expectativa de vida entre os estados brasileiros, mostrando que em 2100 a expectativa de vida poderá atingir a idade de 85 anos (IBGE, 2016).

O envelhecimento é um fenômeno mundial, histórico, social, cultural, demográfico, físico, emocional e de saúde como um todo, sendo, portanto, multidisciplinar e interdisciplinar⁴. O crescimento da população de idosos levou à consciência da existência da velhice como uma questão social. A sociedade passa por grandes modificações, principalmente no que diz respeito aos avanços tecnológicos. Entretanto, essas mudanças exigem uma capacidade de adaptação que o idoso nem sempre possui. O envelhecimento humano ainda é visto como uma história de perdas físicas, mentais e sociais, o que, geralmente, impõe limitações ao indivíduo (BOTH, 2013). Vivemos numa sociedade que valoriza muito a juventude e o indivíduo “produtivo/ativo”, e que o envelhecimento é uma fase da vida rodeada de preconceitos e estereótipos, sendo o idoso visto como “inútil” e dependente (RIZZOLLI; SURD, 2010).

O processo de envelhecimento é visto de diversas formas na sociedade, até mesmo de forma preconceituosa, considerando o idoso um ser incapaz, simplesmente pelo fator econômico, cenário no qual o idoso é considerado um sujeito que não mais produz para a sociedade, mas também é visto por alguns como um sujeito importante, pois possui um arcabouço de conhecimentos, fruto de uma longa experiência de vida. Em outras palavras:

Não resta dúvida de que o envelhecimento é uma conquista das sociedades, indicando melhorias nos processos de viver dos grupos sociais, consequentes das modernizações de processos de gerenciamento dos bens de capital e de consumo. Entretanto, em que pese o valor de tal conquista, as sociedades como um todo e o Brasil, especialmente, vêm considerando o envelhecimento populacional como um grande desafio a ser enfrentado, visto que tal processo conduz a estudos aprofundados do fenômeno, com a participação das mais variadas áreas do conhecimento (WALDMAN, 2006, p. 42).

⁴ A interdisciplinaridade é colocada como questionadora dos mandatos sociais e legais das profissões e das suas rígidas fronteiras de competências exclusivas. Com isso, ela reforça a importância de mecanismos grupais e institucionais na democratização da gestão dos serviços e na produção do cuidado (VASCONCELOS, 1997).

A ciência comprova o ser humano está em constante desenvolvimento e aprendizado. Para Erikson (1998), o desenvolvimento está presente no indivíduo desde seu nascimento, e o ambiente pode transformar suas relações, fortalecendo ou enfraquecendo o convívio em sociedade. Para ele, as fases do desenvolvimento humano perpassam pelos ciclos etários, e cada ciclo tem sua característica e evolução, processo que se dá socialmente. Por isso, é importante a interação intergeracional, através dela as crianças e a escola poderão desenvolver uma habilidade onde a vida entre gerações seja um novo paradigma de construção de relações sociais. Através deste caminho poder-se-á propiciar que a vida na fase idosa seja ativa e contribua de muitas maneiras com uma melhor sustentabilidade humana. Além disso, que haja um cenário no qual o ser idoso tenha orgulho de suas realizações e a comunidade esteja envolvida com esse sucesso intergeracional, contribuindo para que todos participem. Todos nós passamos pelas fases da vida, ou seja, somos bebês, crianças, jovens adultos e idosos, e é importante compreendermos cada uma, para percebermos que cada fase tem sua característica, porém todas devem ser respeitadas nas suas possibilidades.

O quadro, a seguir, ajuda a compreender as fases do desenvolvimento humano, aproximando o entendimento da linha de estudo sobre a importância dessas fases etárias se conversarem.

Tabela 1 – Estágios de desenvolvimento psicossocial de Erikson.		
Estágio psicossocial	Idade	Desafio
Confiança básica versus desconfiança	0 a 1 ano	Desenvolver a sensação de mundo bom, lugar seguro
Autonomia versus vergonha	1 a 3 anos	Compreender que uma pessoa independente é capaz de tomar decisões
Iniciativa versus culpa	3 a 6 anos	Desenvolver disposição a novas experiências, lidar com o fracasso
Produtividade versus inferioridade	6 anos à adolescência	Adquirir habilidades básicas, trabalhar com outros
Identidade versus confusão	Adolescência	Desenvolver senso estável e integrado da individualidade
Intimidade versus isolamento	Início da idade adulta	Entregar-se a um parceiro amoroso
Generalidade versus estagnação	Fase adulta	Auxiliar os jovens por meio da educação dos filhos, no cuidado com as crianças ou um trabalho produtivo
Integridade versus desesperança	Idade avançada	Encarar a própria vida como satisfatória e digna

Fonte: Domínio público⁵.

É possível compreender, no gráfico de Erikson (1998), que a fase de idade avançada é o momento em que o desafio é a integridade apesar da desesperança, encarando a vida de forma satisfatória, não se deixando levar pelos aspectos ruins, entendendo a vida com uma nova perspectiva.

Muitas vezes, a população idosa não é vista como composta por sujeitos integrantes produtivos da sociedade, uma vez que somente aqueles que produzem ou que irão produzir “economicamente” são, via de regra, considerados sujeitos participativos e, portanto, merecedores de atenção e oportunidades nos diversos segmentos, entre eles a educação; por sua vez, os idosos são desconsiderados, apesar de serem sujeitos de direitos, e ainda contribuirão. A educação não é privilégio, é direito social e humano.

Dentro desse contexto, faz-se necessário que a sociedade seja educada para compreender o processo de envelhecimento e no contexto das mudanças sociais. Dessa forma, a escola tem um importantíssimo papel, de colaborar na compreensão e aprendizado sobre

⁵ Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v23n71/v23n71a11.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2018.

envelhecimento e intergeracionalidade, as quais contribuirão positivamente para que as empatias entre as diferentes gerações aconteçam, de maneira a pensar no futuro do ser humano. Para isso, é necessário fortalecer as políticas públicas de assistência social e educacional, a fim de minimizar os preconceitos em relação à diferença etária.

3.2 DESAFIOS DA INFÂNCIA: O SER CRIANÇA

Inicialmente, perguntei-me, sendo professora, como criar atividades para crianças dos anos iniciais do ensino fundamental que tratem da questão do envelhecimento do outro e do seu próprio envelhecimento. Para auxiliar nessa busca, é preciso compreender o que é ser criança, bem como o significado de infância. Partindo, então, do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o qual considera como criança a pessoa com até doze anos incompletos. Cabe também mencionar o significado do termo “criança”, que, segundo o *Minidicionário Compacto da Língua Portuguesa* (ROSA, 1999), é: “ser humano no começo da existência”.

Portanto, é possível dizer que as crianças desenvolvem comportamentos e atitudes a partir das influências do meio em que vivem e/ou da sua comunidade ou meio social. Estas influências podem ser positivas ou não; sobretudo, se considerarmos a vulnerabilidade de realidades mais periféricas, como no caso onde esta pesquisa foi realizada. Elas também são confirmadas em estudos realizados por Baltes e Staudinger:

Esses exemplos da influência de variáveis socioculturais no domínio das microrrelações mostram que o desenvolvimento é afetado pelas interações sociais. Baltes e Staudinger (1996) desenvolveram estudos sobre os efeitos da dinâmica das relações interpessoais sobre a plasticidade comportamental. Mostraram que a exposição de crianças e idosos a situações reais de interação social ou a um processo reflexivo, correspondentes ao que chamaram mentes interativas, produz respostas complexas e efetivas nos dois grupos (a situação experimental promovia sensibilização para a consideração dos múltiplos aspectos de problemas existenciais). Mais importante: os adultos mais velhos beneficiaram-se mais do que as crianças, sugerindo a interveniência de influências socioculturais acumuladas (NERI, 2016, p. 33).

Ser criança é estar sujeito às influências e ensinamentos dos adultos, pois a criança depende deles para seu próprio sustento e sobrevivência. Para poder mudar esse cenário de dependência ao decorrer da vida, é necessário que a criança se desenvolva em todos os aspectos, sejam eles físicos e/ou emocionais, no sentido de desenvolver-se de forma autônoma, crítica e reflexiva. A educação, de forma geral e de maneira mais ampla, contribuirá não só na educação

formal, para que a autonomia do sujeito se efetive, mas também para proporcionar um envelhecimento mais salutar. A contribuição da educação nesse aspecto seria, segundo Antônio Nóvoa, em conferência no VI Fórum SESC de Educação, “educar humanos por humanos pelo bem da humanidade” (23.08.2018). Acreditamos que uma educação específica sobre o processo de envelhecimento ajudará para que essa autonomia seja a sustentação para um ideal de respeito e sustentabilidade da vida no momento que encontrar ou for um idoso.

Pensar, portanto, atividades em forma de oficina dirigida para as crianças, tendo como objetivo “educar para a velhice”, foi desafiador. Isto porque trabalhamos para que as crianças desenvolvessem o conhecimento do ser idoso e que essa memória sobre a “velhice” fosse plena e longa. Assim os alunos poderiam realmente aprender e ensinar sobre o assunto, possibilitando o progresso na socialização e difusão desse novo cenário em que o Brasil se encontra. Este é um caminho possível para incutir uma consciência coletiva, a longo prazo, bem como uma transformação sobre o respeito ao próximo, e que esse próximo logo poderá ser um de nós. Acredito que o idoso tem muito a contribuir para nossa aprendizagem, pois ele tem um longo caminho e uma longa experiência já percorrida, o que uma criança, logicamente, ainda não tem. Por seu lado, a criança, poderá ter um olhar e uma atenção focada sobre o processo do envelhecimento, de si própria e do outro, se conhecendo e conhecendo o outro e o mundo. Dessa maneira, é possível dizer que:

Todos nós somos únicos como indivíduos. Não existem duas pessoas no mundo que sejam exatamente iguais. Esse é um dos aspectos mais mágicos de quem nós somos como seres humanos. Ao mesmo tempo, também é verdade que compartilhamos características com grupos de pessoas com quem compartilhamos cultura, história e antecedentes. Pode ser que escutemos o mesmo tipo de música, gostemos das mesmas comidas, usemos tipos de roupa semelhantes e falemos a mesma língua. O que também é verdade é que, como seres humanos, alguns aspectos de nós são universais – são verdadeiros para todos os seres humanos (BOYES-WATSON; PRANIS, 2011, p. 147).

O desafio, então, encontrou-se na definição de estratégias a utilizar para atingir as crianças, que, mesmo sendo da mesma comunidade e frequentando a mesma escola e série, compartilham de culturas distintas entre eles e entre elas e a professora. Foi necessário apreciar a cultura que as crianças já trazem, com propostas pedagógicas que respeiassem sua fase e seus saberes. Para tanto foram planejadas atividades visando a provocar um comportamento desejado diante do tema do envelhecimento. Assim sendo, as atividades foram pensadas de forma a serem prazerosas e adequadas, com o intuito de que as vivências oportunizem que se sintam protagonistas de suas vidas através de vivências questões do envelhecimento.

4 METODOLOGIA

Apresento, aqui, o caminho teórico-metodológico que auxiliou esta pesquisa. Fundamentada na perspectiva da Educação Popular e na pedagogia de Paulo Freire. Para tanto, ela se baseou na vivência humana em sociedade, pois atualmente enfrentamos intensas mudanças políticas, demográficas, populacionais e etárias, com profundas consequências nas formas de convivência. Ou seja, existem fortes tendências de separação e segregação de determinados grupos, por perfil social, interesses e também por idade. Como ponto relevante destaco que a vida não é somente infância, adolescência e vida adulta, mas também a velhice. Para ter condições de viver a vida da melhor forma, devemos ter contato com todas as faixas etárias. Para Freire (2000), é preciso conviver, pois assim aprendemos a respeitar e nos vermos no outro. Eu respeito o outro porque o conheço e o reconheço parecido comigo, parecido enquanto sujeito de direitos. Mas também porque o conheço e o reconheço diferente de mim, sem que isso represente justificativa para oprimi-lo, inferiorizá-lo. Esse conhecimento e reconhecimento foi aqui focado na velhice, buscando contribuir no micromundo da escola para a superação de barreira visando as mudanças para um mundo melhor. Como nos diz Freire:

Gosto de ser gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam (FREIRE, 2000, p. 60).

Dessa forma, para uma sociedade, é importante que, intergeracionalmente, as diferentes idades se conheçam e se comuniquem. No entanto, uma das formas importantes para que isso aconteça, de acordo com o Estatuto do Idoso, no artigo 22, é que sejam “inseridos nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria”. Dessa forma, será favorecido um convívio mais harmonioso, afetuoso e sustentável, em uma expectativa de vida saudável e ativa, preparando a criança desde cedo para o enfrentamento dos desafios da vida no envelhecimento. Isto exige um trabalho no sentido da sustentabilidade e ações educativas que contemplem a conscientização do que seja envelhecer atualmente, na perspectiva de construir um mundo melhor.

O método gera um processo de mudança e termina por identificar-se com ele, posto que a pedagogia coincide com um estilo muito exato de prática social, o da tomada de consciência, ou melhor, o da conscientização. Certamente, esta objetivação – condicionada pela posição que o indivíduo ocupa na sociedade – pode alcançar

diferentes níveis: a superação de uma atitude mágica dá, gradualmente, primeiro uma opinião vaga – frequentemente tomada de outrem –, depois uma apreensão não crítica dos fatos e, enfim, no caso da conscientização, uma captação correta e crítica dos verdadeiros mecanismos dos fenômenos naturais ou humanos (FREIRE, 1979, p. 40).

Na Educação, a relação ensino/aprendizagem deve ocorrer nas diferenças e nas personalidades, na individualidade e no coletivo, oferecendo diversas vivências ao grupo, além de um currículo apropriado, valorizando a experiência e vivências de cada sujeito, para que sejam contempladas as diversidades culturais e os distintos saberes.

É que o saber de que falei – mudar é difícil, mas é possível –, que me empurra esperançoso à ação, não é suficiente para a eficácia necessária a que me referi. Movendo-me enquanto nele fundado, preciso ter e renovar saberes específicos em cujo campo minha curiosidade se inquieta e minha prática se baseia (FREIRE, 2013, p. 78).

O educador necessita ter ao seu lado políticas públicas educacionais de formação, de forma geral, para que ele possa adquirir novos conhecimentos e concepções críticas e cooperativas de formação humana e cidadã. Dentro deste contexto, a proposta metodológica teve como objetivo traçar os caminhos que a pesquisa percorreu para responder como as crianças pensam sobre o processo do envelhecimento.

Para chegar a tais objetivos, foi utilizado a pesquisa-ação, pois “supõe uma forma de ação planejada de caráter social, educacional, técnico ou outro” (THIOLLENT, 1986, p. 7), com técnicas qualitativas, em que o próprio pesquisador faz parte do processo.

Segundo Thiollent (1986), a pesquisa-ação é uma pesquisa social que pode ser realizada em diferentes contextos, inclusive na área da educação escolar; é um estudo baseado na experiência, com caráter científico, para responder perguntas que podem ser uma dificuldade do coletivo, no qual o pesquisador e os participantes estão inseridos e envolvidos. Essa metodologia é utilizada para representação e cooperação coletiva. Assim, constitui-se como um modo de caráter sociopolítico e educativo de participação, com o objetivo de transformação; para além dessa metodologia, foi necessário utilizar métodos qualitativos. Foi utilizado instrumentos qualitativos para colher dados, através de observações entrevistas semiestruturadas, analisar, interpretar e fundamentar os resultados referentes ao estudo proposto. Para o tema escolhido, foram utilizados alguns estudos sobre a fenomenologia. Segundo Saviani (2008, p. 184), nele existe uma relação entre as coisas, o sujeito e o mundo. Nesse sentido, a fenomenologia é um modo de pensar a realidade, observando-a e dando significado para aquela realidade. Parte sempre do princípio que não existe realidade sem sujeito, nem sujeito sem realidade, ou seja, é uma atitude: “a fenomenologia é o estudo da

experiência humana e dos modos como as coisas se apresentam elas mesmas para nós em e por meio dessa experiência” (PEREIRA, 2012, p. 84).

Segundo Flick (2004), a pesquisa deve essencialmente escolher métodos que assegurem uma teoria consistente, adequada, com análises, reflexão do processo e com a possibilidade de variar. De acordo com Minayo, o principal método de pesquisa das Ciências Sociais é qualitativo, visto que “a realidade social é o próprio dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados dela transbordante” (1994, p. 15). No caso deste estudo, a realidade que pesquisei é fundamental para seu resultado, pois utiliza instrumentos e teorias que possibilitam aproximações da complexidade que é a vida dos seres humanos em sociedade. Para tanto, consideramos que “pesquisa é o ato pelo qual procuramos obter conhecimento sobre alguma coisa” (GATTI, 2002, p. 9), significando “trabalhar com algo relativo a seres humanos ou com eles mesmos, em seu próprio processo de vida” (GATTI, 2002, p. 12).

4.1 ASPECTOS METODOLÓGICOS E MOVIMENTOS INVESTIGATIVOS

Durante o primeiro ano de mestrado foram delineadas as preparações das atividades que seriam desenvolvidas por meio de ações, na turma dos anos iniciais do ensino fundamental em que eu dou aula, de uma escola rede municipal de ensino de Viamão. Após estudos bibliográficos e orientações sobre o tema envelhecimento e o cuidado em escolher a turma do terceiro ano em que iríamos trabalhar, estruturamos o projeto “Como alunos dos anos iniciais visualizam o envelhecimento em outros e em si-mesmos?”, no qual pude trabalhar, de maneira intercalada, com as atividades curriculares já existentes e as teorias sobre o envelhecimento humano; as práticas concernentes a essa pesquisa foram aplicadas durante aproximadamente 4 meses, divididas em 30 ações distintas. Depois de apresentar para a turma o projeto, e conversar sobre as ações que seriam feitas no decorrer das aulas, iniciamos um processo de reflexão a partir do qual começamos a analisar conhecimentos sobre idosos e envelhecimento, bem como a relevância do tema em questão.

A pesquisa foi desenvolvida na turma que atuo como professora titular. A escola está localizada em bairro periférico; as crianças que frequentam a escola são provenientes de famílias de baixa renda ou nenhuma renda, e, em sua maioria, estão em situação de vulnerabilidade social. Elas pertencem a diferentes tipos de famílias: família nuclear, mais conhecida como família tradicional, composta por pai, mãe e filhos(as); família

monoparental: composta por apenas um dos progenitores: pai ou mãe; e a família anaparental: a família sem pais, formada apenas por irmãos.

A turma, com 28 alunos (19 meninos e 8 meninas), é composta por crianças que têm entre 8 e 9 anos de idade. O aspecto social da escola e das crianças é de vulnerabilidade social (a escola é em periferia, tendo como público famílias de extrema pobreza, com baixa escolaridade); trata-se de uma escola pública, que atende ensino básico, educação infantil e ensino fundamental; as crianças são oriundas da comunidade e arredores.

O desenvolvimento da pesquisa ocorreu por meio de 30 ações educativas executadas na sala de aula, com frequência de duas vezes por semana, nas quartas e sextas-feiras, com duração de duas horas, tendo em vista que são crianças pequenas e em construção de capital cultural. As aulas foram documentadas por nós, por meio de gravação de falas, fotos e atividades escritas e de campo.

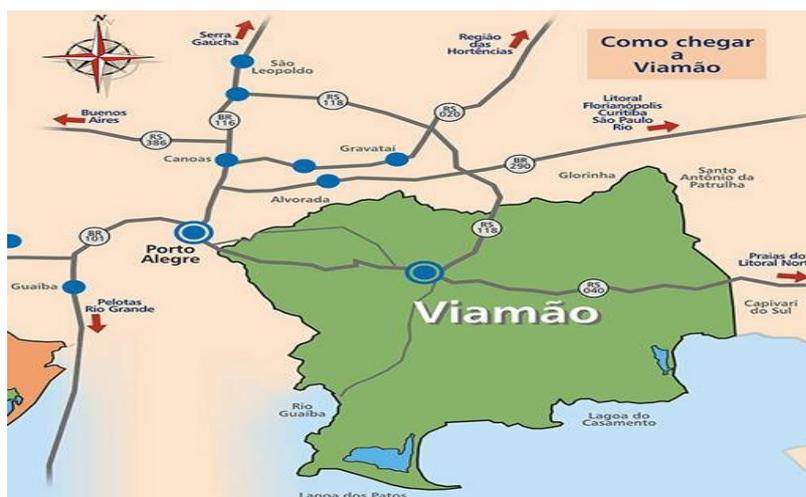
A coleta, a análise dos dados e os instrumentos aconteceram por meio de observações feitas durante as ações realizadas em sala. O registro ocorreu por meio do diário de campo, onde foram observados os aspectos referentes aos saberes prévios das crianças, e os que elas adquiriram ao longo da aplicação das ações da pesquisa. Os dados coletados foram as diferentes respostas (interesses, escrita, falas). Através de: círculos⁶ de cultura e diálogos⁷ sobre o assunto envelhecimento, acompanhamentos das atividades, leituras dos livros de histórias e acompanhamento das visitas de idosos na escola.

⁶ No círculo de cultura, o diálogo deixa de ser uma simples metodologia ou uma técnica de ação grupal e passa a ser a própria diretriz de uma experiência dialética didática centrada no pressuposto de que aprender é aprender a “dizer a sua palavra” (BRANDÃO, 2010, p. 69).

⁷ O diálogo é a força que impulsiona o pensar crítico problematizador em relação à condição humana no mundo. Através do diálogo podemos dizer o mundo segundo nosso modo de ver (ZITKOSKI; MORIGI, 2013, p. 117)

5 CARACTERIZAÇÃO DA REGIÃO E DA ESCOLA PESQUISADA

A Escola Municipal, à qual pertencem as crianças sujeitos participantes da pesquisa, está situada na cidade de Viamão, no Rio Grande do Sul. Segundo dados do IBGE (2018), o município possui uma população estimada de 254.101 habitantes. A escola possui direção, vice direção e coordenação pedagógica; com 36 anos de existência, ela está localizada em região periférica de Viamão, em rua não pavimentada.



A escola atende a população moradora do bairro e arredores, acolhendo aproximadamente 600 alunos, entre Educação Infantil, Ensino Fundamental I e Ensino Fundamental II, e conta com aproximadamente 45 funcionários.

6 PROCEDIMENTO DE PREPARAÇÃO DAS ATIVIDADES PRÁTICAS E SEUS OBJETIVOS: ESTRATÉGIAS, INSTRUMENTOS, COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Essa dissertação teve como base a metodologia pesquisa-ação, e abordagens qualitativas⁸: “a partir dos pressupostos estabelecidos pelo método dialético e também apoiadas em bases fenomenológicas, pode-se dizer que as pesquisas qualitativas têm se preocupado com o significado dos fenômenos e processos sociais” (PÁDUA, 1997, p 31), sendo uma pesquisa de campo, com a interação e atuação do pesquisador em todas as atividades. Foram criados métodos para a efetivação do trabalho, que foi construído em 4 etapas fundamentais (I) A primeira etapa foi a busca bibliográfica; (II) segunda etapa, foi a montagem do projeto, com a elaboração das estratégias que seriam utilizadas para a coleta de dados; (III) a terceira etapa foi de efetivação das ações estratégicas planejadas. Elas foram aplicadas e vivenciadas por mim em tempo integral do projeto. Ou seja, minha atuação inclui a elaboração das práticas, aplicação e interação nas mesmas; (IV) a quarta etapa e último inclui a escrita da dissertação, com os dados levantados durante as ações. Os dados coletados foram o material que permitiu analisar e interpretar as vivências nesse período.

Durante a pesquisa, foi considerado o contexto sócio histórico em que os sujeitos da pesquisa e ações propostas estão inseridos. Desta maneira, foi sendo mapeado o material coletado durante as ações propostas. Foram selecionados depoimentos, ideias e conceitos, os quais foram agrupados tendo em vista quais os olhares que propiciavam em articulação com os referenciais teóricos estudados. A organização das informações oferecidas pelas ações previstas na pesquisa foram o material que oportunizou responder as questões problematizadas. Segundo Pádua (1997, p. 72), as funções específicas em relação ao método e à metodologia desse trabalho perpassam da “aparência” à “essência” da situação problema, o que permitiu estar no centro da situação real, e, ao mesmo tempo, ser objetiva, excluindo uma mera postura contemplativa da realidade sentida e vivida; com isso, é possível verificar constantemente o conhecimento científico e a eficácia das ações, e introduzir pontos de vista de outras áreas do conhecimento (biologia, medicina, psicologia, educação, sociologia, etc.). Por fim foi feito o relatório que é o marco de interpretações e tem caráter multidisciplinar.

⁸ Pesquisas qualitativas procuram consolidar procedimentos que possam superar os limites das análises meramente quantitativas (PÁDUA, 1997).

7 A PRÁTICA DAS AÇÕES VIVENCIADAS E SENTIDAS

1ª Semana:

A intervenção na escola, sobre o processo de envelhecimento humano, iniciou-se após uma conversa sobre o que é a pesquisa; isso ocorreu após uma reflexão sobre o que é “Envelhecimento”. Nesse momento, investi em despertar a curiosidade e o diálogo sobre o tema. Duas aulas foram necessárias para explicar o projeto de mestrado; e, logo depois, iniciei as atividades de intervenção propostas, com as ações pensadas e planejadas.

• 1ª ação:

A primeira semana foi para nos conhecermos; apresentei o projeto, expliquei o que é uma pesquisa e o que é ser pesquisador; disse à turma do que se tratava e que faríamos várias atividades ao longo dos dias. A turma ficou entusiasmada; eu disse que eles iriam assinar um termo de assentimento, expliquei o que é; também disse a eles que os pais ou responsáveis ficariam sabendo da pesquisa e também poderiam autorizar eles a participar; após, li o termo que eles assinariam e também li o dos responsáveis deles; durante a leitura, expliquei alguns aspectos que eles não entendiam, também expliquei que eles poderiam optar, naquele dia mesmo ou ao longo da pesquisa, por não participarem dela. Combinei com a turma a reunião com os responsáveis, para que eles também pudessem assinar a autorização. No mesmo dia, eles falaram com os responsáveis, e, na outra aula, eles levaram o termo para casa, para poderem ler com os responsáveis.



• 2ª ação:

Nesse dia, foi o momento de escuta, fizemos um círculo de cultura. Primeiro, retomei a pesquisa, e falei que iríamos conversar e trabalhar diversas vezes, conforme havia explicado anteriormente, em outro dia. Então, perguntei aos alunos: “o que é ser idoso?”; no primeiro momento, deixei-os falar: foi o momento de imaginarem o que é ser idoso.

Entendi, pelas falas das crianças, que elas tinham na imaginação a ideia de que ser idoso era diferente de ser velho; então, comecei a explicar sobre o tema envelhecimento, e que chamamos a pessoa com 60 anos, ou mais, de idoso. Eles adoraram saber. Nesse dia, essa conversa durou mais de uma hora; deixei como tarefa, então, que eles contassem em casa essa aula.

2ª Semana:

• 3ª e 4ª ações:

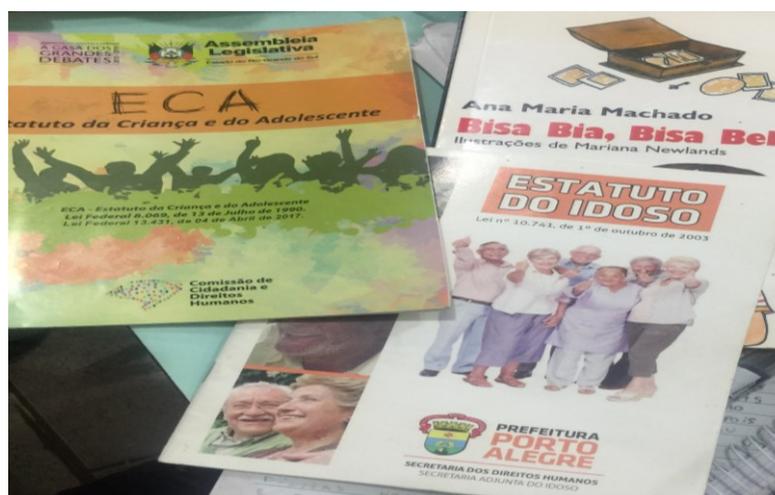
Nesse dia, retomamos a última aula, onde escutei seus relatos de como foram as conversas em suas casas; em geral, os relatos foram de que antigamente era diferente, se respeitava os idosos, as crianças obedeciam; entre outros relatos, que pareciam desabafos dos adultos e uma maneira de colocar seus sentimentos de insatisfação ao que eles chamaram de rebeldia. E, logo, foi o momento de aprofundar o imaginário dos alunos.

O tema envelhecimento foi estimulado pela oratória, a partir de algumas perguntas, como, por exemplo, se alguém conhecia um idoso. Eles falaram sobre diversas pessoas mais velhas, trazendo o idoso como seus pais ou tios, nesse primeiro momento. Com isso, eu retomei nossa conversa anterior, perguntei se eles lembravam com que idade a pessoa era considerada idosa; então, eles observaram que seus pais não eram idosos, e perceberam que ainda não conseguiam identificar pessoas adultas e pessoas idosas. Nossa conversa foi intensa e cheia de risadas.

Montamos um painel com desenhos, para organizar nossas ideias de quem é uma pessoa idosa. Esse painel serviu para que pudéssemos ir desenhando e conversando sobre o assunto, a fim de que fosse possível entendermos a compreensão que temos sobre o envelhecimento, de maneira prática; ou seja, de maneira mais concreta do que a abstração de uma conversa.



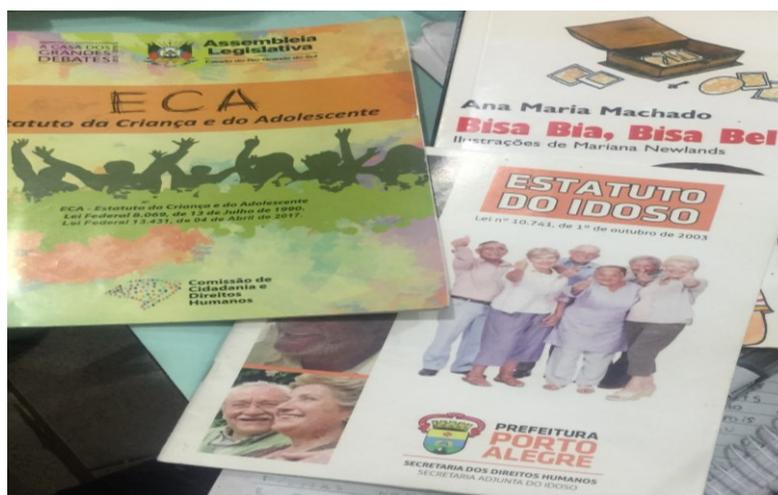
Apresentei alguns aspectos sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, e conversamos sobre ele; depois, apresentei o Estatuto do Idoso, explicando o que são os Estatutos e por que eles existem. Também foi possível entender melhor quem é o idoso (idade), quando falamos sobre os direitos; nessa hora, dava para perceber o espanto dos alunos: eles fizeram diversas perguntas sobre os direitos, e se espantaram com a idade.



3ª e 4ª Semanas:

• 5ª, 6ª e 7ª ações:

Retomamos as atividades anteriores, e, no círculo de diálogo, falamos sobre o aspecto do envelhecimento e os estatutos. Daí, apresentei o livro que iríamos trabalhar, expliquei que eu contaria a história do livro durante as aulas sobre o envelhecimento, cada dia um pouco.



Em outro momento, foi feito levantamento junto com as crianças sobre quem eles conhecem como idoso. Esse levantamento foi realizado da seguinte forma:

- Iniciei um círculo de diálogo, no qual indaguei dos alunos o que entendem sobre o idoso: O que e quem eles já conhecem? Também levei fotos e gravuras com imagem de pessoas: jovens, adultos e idosos; e pedi para as crianças escolherem a imagem que elas consideravam ser de idosos.

Nesse momento, me surpreendi, porque as respostas foram muito parecidas; para as crianças qualquer pessoa mais velha era idosa: os artistas adultos, seus pais, seus avós, independente das idades.

- No segundo momento, fiz um círculo de diálogo, no qual questionei por que aquelas imagens representavam o idoso para elas.

As respostas foram unânimes: “porque são velhos!”, considerando que as pessoas adultas são velhas, claro, são crianças, o vocabulário e o repertório cultural não são tão vastos; entendi que eles viam como velhos e era isso.

Então, fiz algumas leituras de pequenos textos, sobre histórias de idosos que busquei na Internet. Também, a partir disso, combinamos que convidaríamos pessoas idosas para uma visita na escola.

Como as respostas sobre o envelhecimento ainda não estavam estruturadas pelas crianças, continuei com a reflexão deles mesmos sobre seu processo de envelhecimento; e fomos dialogando sobre o envelhecimento na visão deles.

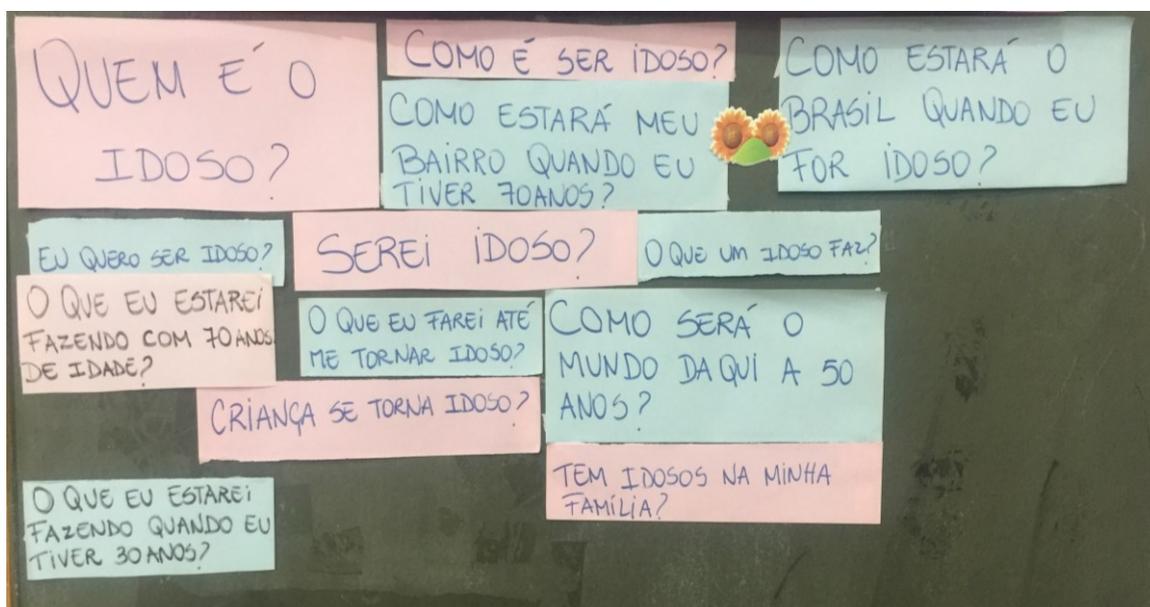
E fiz algumas perguntas como:

- O que acontece quando as pessoas envelhecem?
- Quais são as mudanças?
- E o que permanece?

As respostas foram também muito parecidas; foi um diálogo divertido, porque a maioria das crianças associa o envelhecimento à morte, falta do que fazer. Todos disseram que quem é velho dorme muito e fica doente. Essas foram respostas repetidas, e de todos.

Em outra ação, foi retomado o assunto sobre a última aula; depois, foi realizada uma dinâmica com sorteios de perguntas, na qual todos poderiam dar as respostas; essa atividade teve o intuito de sanar as dúvidas que, talvez, pudessem ter ficado.

Escrevi palavras em tiras de papel colorido, e fomos sorteando cada uma delas, e falando o que queria dizer cada palavra. Fui fazendo indagações e suposições sobre as palavras, conectando ao tema envelhecer, e também a nós, em cada momento da vida.



• **8ª ação:**

Assistimos ao filme animação *UP, altas aventuras*.

O filme conta a história de um idoso de 78 anos; no filme, é possível observar a ganância humana, o capitalismo, por meio de histórias de perdas (morte), discriminação e preconceito,

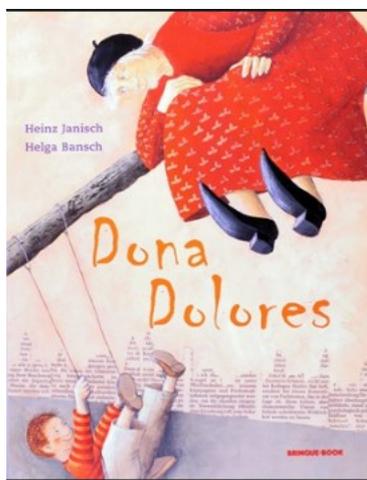
afastamento do idoso da vida social; o enredo também propõe uma visão de superação, aventura, e a relação de amizade e interação social, do idoso com um menino de 8 anos.



5ª Semana:

- 9ª e 10ª ações:

Aqui, foi feita a leitura do conto infantil “Dona Dolores”, realizada por mim no grupo; após, fizemos uma pequena reflexão.



O texto conta a história da amizade de um menino com uma pessoa com 91 anos; a personagem é uma idosa divertida, que via as coisas com um olhar mágico, era muito inteligente, e sabia quando as pessoas não estavam bem. Ela também conseguia gritar mais alto que todo mundo, e tinha uma afinidade com o menino, que é seu vizinho. A narrativa é dele.

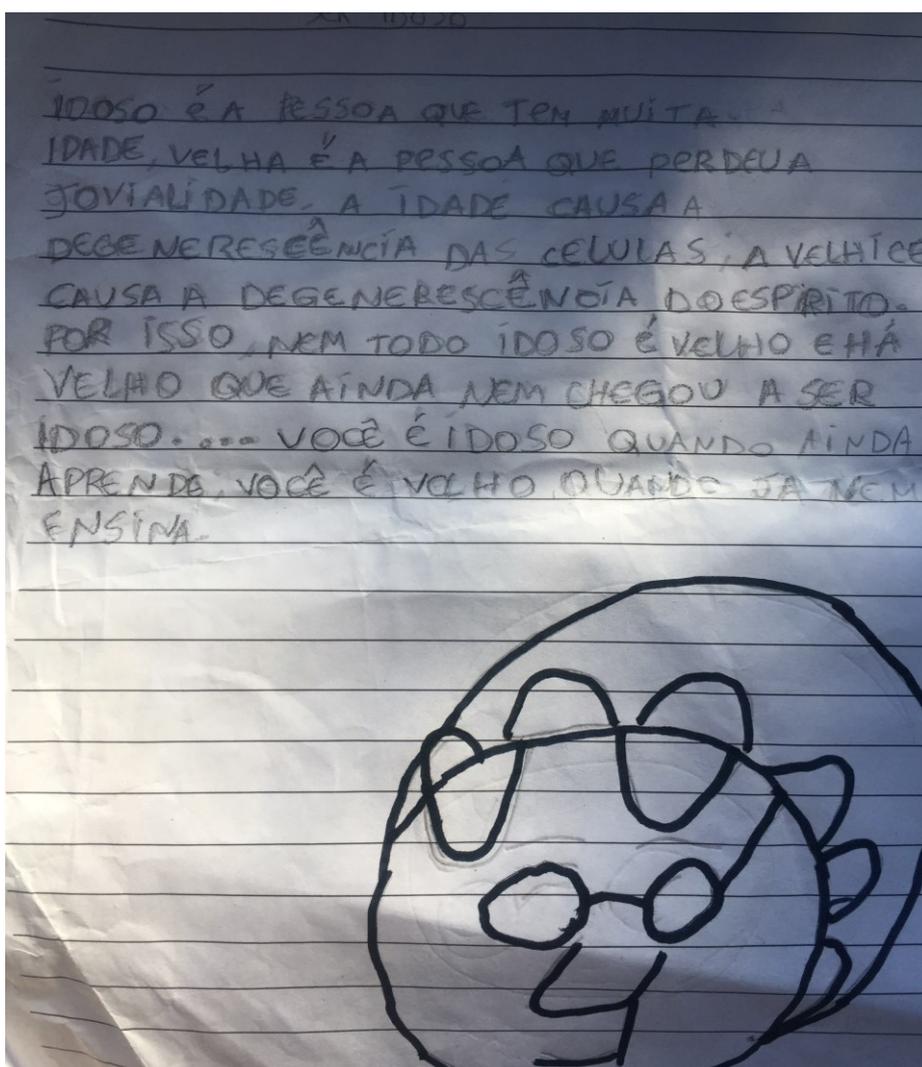
Com esse conto, trabalhamos como é divertida a relação com pessoas de diferente idade, na qual podemos aprender coisas novas e antigas, e ensinar também; e, que é possível ser solidário, mesmo com faixas etárias tão diferentes, criando vínculos entre o que um já viveu e

o que o outro ainda pode viver. Esse foi um momento de refletir que passamos por todas as idades, e podemos viver e conviver sempre juntos.

6ª Semana:

• 11ª ação:

Desafiei os alunos a fazerem uma carta a respeito do que eles entendem sobre o envelhecimento.



• 12ª ação:

Conversa, com os alunos, sobre o nosso envelhecimento. Primeiro, fiz um momento de memória: pedi para que me contassem como eram quando nasceram, o que sabiam, o que faziam, como faziam; suas respostas foram de que não sabiam ou não lembravam, ou, então, de que não faziam nada, ou não sabiam nada quando nasceram. Então, fui mapeando o que o bebê sabe, como vai aprendendo, e como vamos envelhecendo.

Também falei sobre os ganhos e as perdas que acontecem ao longo da vida, e como é ser um idoso, já que havíamos falado sobre como era ser bebê, abordando uma vivência parecida com as perdas que os idosos têm ao longo da vida. Além disso, conversamos sobre as dificuldades e limitações que temos, mostrando a nossa necessidade de ajuda desde o nascimento até a nossa completa autonomia.

Mostrei o livro que iríamos ler durante os nossos dias de trabalhar sobre o envelhecimento humano. Mostrei o livro novamente, e seu nome “Bia Bisa, Bisa Bel”, da autora Ana Maria Machado; também aproveitei para mostrar muitos outros livros sobre envelhecer.



7ª Semana:

• 13ª ação:

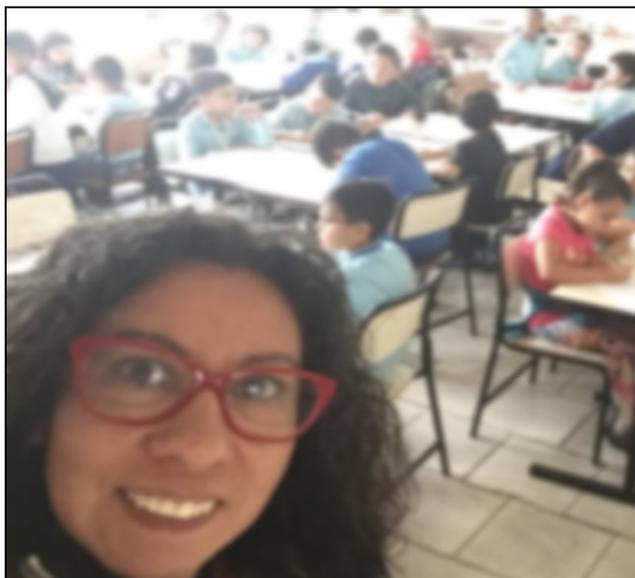
Fiz um círculo de diálogo, onde fizemos várias conversas; logo depois, iniciei a leitura de um capítulo do livro *Bisa Bia*.

• 14ª ação:

Nessa aula, pedi para que cada um levantasse do seu lugar e fizesse um relato verbal sobre se eles queriam ser idosos, e por que, falando também sobre o que achavam que estariam fazendo quando viessem a ser idosos.

As respostas foram bem parecidas: todos os alunos disseram não querer ser idosos, e suas justificativas foram de que idoso morre; também responderam que iriam jogar, dormir mais; dois disseram que iriam aproveitar para fazer faculdade. Logo depois, fiz, coletivamente, uma reflexão para que chegássemos ao entendimento de que não é só idoso que morre, nem que

ser idoso é sinônimo de não poder fazer nada. Eles gostaram da conversa, e começaram a fazer *links* com idosos que fazem coisas divertidas, e até com os que cuidam deles.



8ª Semana:

• 15ª ação:

Mostrar lugares de acolhida de idosos. Mostrei, por meio de gravuras e vídeos, como são e onde ficam esses lugares, e comentei que podem fazer visitas a pessoas idosas. Foi um momento de reflexão e de muito diálogo.

• 16ª ação:

Continuação da Leitura do livro *Bisa Bia, Bisa Bel*. As crianças demonstraram interesse, curiosidade e empatia por esse momento de leitura. Antes de começar a leitura, fizemos uma rodada de memórias sobre o que já havia sido lido, e como estávamos compreendendo a leitura; depois, fiz a leitura de outro capítulo.

9ª Semana:

• 17ª ação:

Conversei sobre a visita que um grupo de idosos de um centro de acolhimento faria a nossa turma e que precisávamos preparar um acolhimento para convidados idosos. Contei um pouco de onde viriam os idosos que iriam conversar conosco. Essa proposta foi bem aceita pelas crianças, e a empolgação foi linda.

- **18ª ação:**

Preparação do acolhimento, com montagem da recepção, dos enfeites da sala, e sobre como seria o diálogo. Fizemos cartões para entregar.



10ª Semana:

- **19ª ação:**

Acolhimento e recepção das pessoas idosas pelos alunos. Círculo de diálogo.



Tivemos um momento de diálogo, brincadeiras, contos, muitas perguntas e risadas. Em nossas conversas, percebemos que os idosos têm grande admiração pela instituição escola; conversaram e orientaram as crianças, contando do seu tempo, em que não podiam estudar, pois as escolas ficavam muito longe de casa, e que, muitas vezes, eles tinham que ficar em casa com os irmãos. E, nesse sentido, trouxeram um pouco da percepção do próprio ciclo da vida, evidenciando que eles eram crianças que hoje são idosos; dessa maneira, os alunos perceberam que são crianças e que um dia serão idosos, trazendo, nessa percepção, um modo mais positivo de interação diante do processo do envelhecimento humano. Enquanto sociedade, quanto mais

soubermos sobre envelhecer, maiores são as possibilidades de que se tenha um envelhecimento saudável, e de uma juventude que respeita o ser humano.

- **20ª ação:**

Conversamos sobre a visita, retomando o que foi legal nela. Nossa conversa foi muito prazerosa.

No primeiro momento da visita, foi hora de escuta; claro que, depois, as crianças fizeram muitas perguntas, principalmente porque os idosos contaram como era a vida no tempo em que foram crianças, aguçando a curiosidade da turma; além disso, falaram sobre como, hoje, eles têm muitas dificuldades em lidar com a tecnologia, pois é algo muito recente. Outro ponto interessante foi quando falaram sobre sua sobrevivência nessa fase da vida. As crianças gostaram da conversa, entenderam as perdas e os ganhos de ser idoso, de acordo com as falas dos visitantes. Também, nesse dia, as idosas ensinaram algumas brincadeiras, entre elas o “passa o anel”, e as músicas que cantavam durante as brincadeiras.

11ª Semana:

- **21ª e 22ª ações:**

Fizemos uma conversa sobre a visita anterior, e problematizei a vivência que tivemos e os relatos da visita. Para isso, fizemos um círculo de diálogo, no qual fomos lembrando e falando. Os alunos tinham muito que dizer sobre essa ação e um deles pediu para ter sempre esses encontros. E também surgiram muitos relatos das conversas dos familiares.

Recebi e, nesse dia, repassei para a turma o relato de uma idosa que nos visitou; ela publicou a seguinte mensagem no seu perfil em uma rede social:

Evoluir, foi e será necessário, mas temos q saber evoluir, sem perder a essência. Particpei de uma palestra numa escola, onde falamos exatamente isto q está nestas fotos... ficarão horrorizados kkkk. Sonhamos tanto com esta tal modernidade... ela veio... mas veio com tanta força, nos tirou, arrancou, o q de mais precioso tínhamos... o amor, o Bem querer, o abraço, o bom dia, o boa noite, o vá com Deus, o durma com os anjos. Pensei comigo, será q evoluir, ser graduado é isto q estamos vivendo, vivenciando nos dias de hj?...Eu era feliz e não sabia! ...

Juntamente, publicou esta foto, entre outras, na postagem:



Então, posteriormente, olhamos algumas fotos de estradas, armazéns de compras, entre outras, para ver a diferença entre o passado e o nosso presente.

12ª Semana:

• **23ª e 24ª ações:**

Leitura do livro “Bisa Bia, Bisa Bel”.

Falamos sobre a leitura; então, as crianças relataram sua relação com pessoas idosas de suas famílias, e de alguns conhecidos; daí, juntos, percebemos que falamos pouco com os idosos, e que não se tem muito contato intergeracional, mesmo nas suas casas. Nesse momento, a partir da leitura do livro, pareceu que o envelhecimento não era um futuro tão distante assim.

13ª Semana:

• **25ª e 26ª ações:**

Montamos um painel sobre sustentabilidade e respeito ao idoso, despertando, assim, mais contato, identificação e empatia em relação ao tema do projeto. Os alunos foram dizendo e eu fui colocando suas sugestões e opiniões no quadro; depois, fomos conversando sobre o que colocamos como sustentabilidade e respeito.



14ª Semana:

• 27ª ação:

Preparação da atividade de integração com a comunidade idosa; finalizando as ações aprendidas durante esse tempo, preparamos uma atividade com a comunidade, expondo a temática e acolhendo a população idosa que conhecemos. Os idosos que haviam visitado a turma foram convidados pelos alunos; fizemos uma mesa de guloseimas para recepcioná-los, uma roda de conversas e brincadeiras.

Os alunos começaram: primeiro, se apresentaram; depois, pediram para os idosos se apresentarem. Em seguida, foi o momento das crianças contarem o que aprenderam sobre o envelhecimento, foi um momento rico, onde os idosos também contribuíram com falas.

Atividade de integração, com acolhida fraterna.



• **28ª ação:**

Fizemos uma cápsula do tempo, juntamente com alguns adultos convidados pelos alunos, que só será aberta daqui a 5 anos, ou seja, quando eles estiverem no último ano do ensino fundamental. Daí, então, os alunos serão convidados a refazerem, no último ano do

ensino fundamental, com indicação de outra iniciativa, outra cápsula do tempo, que só será aberta depois de 15 anos; desta vez, deixando os contatos virtuais, a fim de que sejam lembrados da abertura e para que seja feito o convite para esse momento na escola.

Nessa primeira cápsula do tempo foi escrito o que eles esperam para o seu envelhecimento, deixando claro para eles que não precisa esperar o tempo de idoso, mas um envelhecimento tendo o quê? O que desejam para o futuro? Quem eles conhecem de idosos, e como esperam ver esse idoso na data de abertura da cápsula? E, também, como esperam que estejam as políticas públicas para cuidar das pessoas idosas?

Essas cartas ficaram guardadas na escola.



15ª Semana:**• 29ª ação:**

Atividade de sugestão para próximo ano, a fim de dar continuidade às ações. Também li o Livro “Pra onde foi o Vovô?”, e “O livro da Avó”, pois tivemos algumas perdas de avós/bisas no decorrer do projeto: um, por um acidente de trânsito; outros, por doença.



Depois da leitura, fizemos uma conversa e relembramos do estudo que tivemos.

• 30ª ação:

Em um círculo de diálogo/cultura, conversei com os alunos sobre o que agora pensavam a respeito do envelhecimento; expliquei que eu iria escrever acerca de tudo o que fizemos nas aulas, e que um grupo de professores iria ver e dar sugestões sobre a escrita deste trabalho, mas que, além disso, eles iriam conhecer, por meio desse trabalho, essa turma, quem são, o que fizeram e como fizeram. Então, surgiu a ideia de construção de uma árvore que levasse a mensagem de “Vida, crescimento e frutos”, um trabalho na coletividade, professora/alunos, alunos/professora.



No próximo capítulo, é realizada a análise e discussão construídas durante a pesquisa.

8 PARTICULARIDADES E ANALOGIAS

Essa pesquisa nos leva ao encontro de possibilidades, e está fundamentada em vários estudos, não só sobre o envelhecimento, mas também sobre infância, protagonismo de crianças e o papel da educação em seu desenvolvimento, no que tange à construção de conceitos, valores e vida social. Entre os autores pesquisados que contribuíram nessa dissertação e nessa opção metodológica, encontram-se Papaléo Netto, Burlá, Neri, Freire e Piaget. Trata-se de uma pesquisa-ação, composta por técnicas qualitativas, tendo o próprio pesquisador como parte do processo.

Como pesquisadora e educadora, meus objetivos buscam contribuir no alcance do compromisso assumido de produção dialética de uma pesquisa que se enlaça teoria e prática. Os objetivos dialogam com o objetivo geral desta investigação, e foram:

- Contribuir para a disseminação desses saberes, aprendidos e vividos, com experiências aplicadas e analisadas, no sentido de forjar outras novas experiências e vivências, de tal modo que nos permita reproduzir, reinventar e melhorar nossas próprias experiências em lugares diversos;
- Possibilitar a que outros venham a aproximar-se de recursos para trabalhar o processo do envelhecimento, de maneira humanizada e simples, no ensino fundamental;
- Fortalecer relações e criar possibilidades para o diálogo sobre um assunto tão pouco explorado na educação básica, e tão importante para a manutenção da vida.

Um dos fatores que torna este estudo tão importante e necessário é o fato de que, atualmente, o Brasil está em processo de mudança da estrutura etária da população, no qual aumenta, de modo significativo, o número de idosos em relação ao de crianças e adolescentes. Sabendo disso, ousou dizer que estudar o envelhecimento desde a educação básica é o ponto base para um envelhecimento ativo, próspero e de aceitação. Os sujeitos que auxiliam nessa investigação são os alunos do ensino fundamental I, de uma escola pública de periferia, e seus convidados.

Essa escolha partiu da minha experiência vivida e sentida, bem como do interesse por esse assunto, tão polêmico e importante nesse período em que o Brasil se encontra, dada a possível retirada de direitos, e, mais especificamente, direitos dos aposentados, nesse caso os idosos. Por tudo isso, sinto a urgência de registrar essa contribuição, com consciência e uma visão dialética de mundo, na qual a palavra da criança é fundamental para a própria percepção do mundo que vai vivendo e modificando. O resultado é uma visão de mundo percebido pelas crianças.

A categoria primordial da dialogicidade da palavra é o “entre”. Mais do que uma análise objetiva da estrutura lógica ou semântica da linguagem, o que faria da palavra um simples dado, Buber desenvolve uma verdadeira ontologia da palavra, atribuindo a ela, como palavra falante, o sentido de portadora de ser. É através dela que o homem se introduz na existência. Não é o homem que conduz a palavra, mas é ela que o mantém no ser. Para Buber, a palavra proferida é uma atitude efetiva, eficaz e atualizadora do ser do homem. Ela é um ato do homem através do qual ele se faz homem e se situa no mundo com os outros (BUBER, 1974, p. XLI).

Nessa perspectiva, um estudo comprometido com a transformação da realidade futura da sociedade, dos modos de cultura pessoal e coletivo, e também do cuidado com a melhoria da qualidade de vida, uma vez que esse conhecimento constitui uma ponte com probabilidades claras, e abertas a críticas relativas à melhoria das práticas e dos fazeres, no que tange ao crescimento e construção social dos sujeitos. Uma reconstrução da história, e um entendimento acerca dos processos históricos sobre o processo do envelhecimento humano.

Segundo Freire:

O nosso conhecimento do mundo tem historicidade. Ao ser produzido, o conhecimento novo supera o outro que antes foi novo e se fez velho, e se “dispõe” a ser ultrapassado por outro, amanhã. Daí que seja tão fundamental conhecer o conhecimento existente quanto saber que estamos abertos e aptos à produção do conhecimento ainda não existente. Ensinar, aprender e pesquisar lidam com esses dois momentos do ciclo gnosiológico: o em que se ensina e se aprende o conhecimento já existente e o em que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente. A “do-discência” – docência-discência – e a pesquisa, indicotomizáveis, são assim práticas requeridas por estes momentos do ciclo gnosiológico (FREIRE, 2013, p. 30).

Então, para esse conhecimento humano, ontológico, a premissa dessa dissertação é responder e dialogar com as perguntas propostas pela pesquisadora e as respostas obtidas dos sujeitos pesquisados. Além da metodologia da pesquisa-ação, “chamo a atenção para a necessidade de uma leitura de fundo no tocante às influências teóricas de Freire na sua ontologia, que interage com a fenomenologia, com o existencialismo” (PAULO, 2018).

Dessa maneira, a finalidade de provocar um aprofundamento do estudo sobre o processo de envelhecimento com a participação de crianças é um empenho teórico-metodológico necessário, concretizado nessa dissertação.

8.1 DISCUSSÃO DAS IDEIAS, CONCEITOS E ENTRELAÇAMENTOS PEDAGÓGICOS

O que é importante, vindo das crianças, sobre o envelhecimento?

Nesse momento da dissertação é possível notar a presença intensa dos participantes, o envolvimento, as preocupações, as curiosidades. Aqui, eu, como investigadora, procurei interagir de modo a sondar o que as crianças tinham a dizer sobre o envelhecimento, sendo importante saber se elas tinham o conhecimento do ser idoso, ou não.

De certa forma, as respostas foram inesperadas, pois, para o grupo de alunos de 8 e 9 anos de idade, ser idoso ou estar velho é ser adulto; então, percebi que o desenvolvimento é uma transformação do biológico no sócio-histórico-cultural. Ou seja, a fala humaniza o indivíduo, e, assim, o pensamento da criança se transforma, e evolui, possibilitando interações: “[...] o ser humano não só é um produto de seu contexto social, mas também um agente ativo na criação deste contexto” (REGO, 1995, p. 49).

“Na perspectiva vigotskiana, a internalização das práticas culturais, que constituem o desenvolvimento humano, assume papel de destaque” (REGO, 1995, p. 49). Portanto, o meu papel nesse momento foi partir para as atividades práticas, apresentando as evidências, as categorias e as legislações, de modo que eles pudessem entender que, para ser considerada idosa, a pessoa tem de ter 60 anos ou mais. Então, o primeiro passo foi falar de história: conversamos sobre como eram os governos há séculos atrás; dessa maneira, falamos dos direitos das pessoas, conversamos sobre os direitos e deveres das crianças: apresentei o ECA, e, logo depois, o Estatuto do Idoso; fora isso, também falamos sobre os direitos das mulheres, dos negros, das pessoas com deficiência, para que entendessem o motivo pelo qual existe um estatuto para proteger as pessoas. Além disso, apresentei de maneira simples a Constituição Federal, pois “o professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo” (FREIRE, 2015, p. 30). Durante os primeiros dias da aplicação das ações, as crianças tinham uma ideia de idoso, que seriam os pais ou os amigos dos seus familiares adultos; muitos respondiam, quando indagados sobre qual idade para eles seria a de um idoso, que era de 28 anos, 35 anos, 42 anos... Com isso, é possível analisarmos algumas respostas das crianças:

- “Quando eu for idoso, vou fazer uma faculdade”, disse o aluno de 8 anos.
- “Eu vou ter 35 anos e vou dormir, e ficar em casa sem fazer nada”, 9 anos.
- “Um idoso tem 42, eu acho, e ele é muito chato”, 9 anos.

A teoria de Piaget nos apresenta os conceitos de assimilação e acomodação, que são processos que se complementam: para assimilar, é necessário acomodar-se. A partir disso, devemos observar as reações cognitivas: é comum que durante o desenvolvimento infantil a criança perceba o seu pensar e interaja com o meio. “A adaptação deve ser caracterizada como equilíbrio entre as atuações do organismo sobre o meio e as a atuações inversas” (PIAGET, 1983, p. 17). Ou seja:

Reciprocamente, o meio age sobre o organismo, e pode-se designar essa atuação inversa à maneira dos biólogos, mediante o termo “acomodação”, tendo-se em mente que o ser vivo jamais sofre puramente a reação dos corpos que o circulam, mas que ela apenas modifica o ciclo assimilador ao acomodar o ser vivo a esses corpos (PIAGET, 1983, p. 18).

Um processo que iniciei foi sobre o desenvolvimento humano: fui explicando o nascimento, o desenvolvimento, as primeiras coisas do mundo que vamos aprendendo, como, por exemplo, alimento, afeto, dor, andar, falar, engatinhar, e, assim, nos desenvolvendo. Ao mesmo tempo em que fui trazendo esses arcabouços de saberes, adquiridos ao decorrer da vida, também fui falando das perdas: esquecemos de como era mamar no peito, o quanto foi difícil falar as primeiras palavras, qual foi nossa primeira dor; e, assim, fui explicando as perdas da vida até chegar nas perdas quando idoso. Apesar das dificuldades das crianças, elas foram interagindo e compreendendo. Em um momento, logo nas primeiras aulas, fiz a seguinte pergunta: vocês conhecem o Estatuto da Criança e do Adolescente? As respostas foram positivas, embora não soubessem por que existe, nem quais os direitos e deveres. Então, comecei as indagações e a exploração dos conceitos atribuídos por eles; nesse momento, faço uma pedagogia crítica, dialógica. Ou seja,

Paulo Freire defende a pedagogia crítica como uma teoria revolucionária que visa à transformação social a partir de conteúdo crítico, não se delimitando a uma descrição da realidade excludente ou apenas a uma prática intervencionista desassociada da formação política (PAULO; NACHTIGALL; GÔES, 2019).

Nesse momento, eu, enquanto professora, fui explicando, e, conforme discorria a respeito do ECA, eles, com os olhinhos atentos e desconfiados, e ao mesmo tempo com curiosidade, foram acompanhando; foi um momento de euforia, por saberem que existe uma legislação que os defende. Além disso, ao mesmo tempo em que expressaram encantamento, se surpreenderam com os tais deveres que têm. Entre muitos artigos, li o que diz que é um direito ir para a escola, e também um dever; falamos, ainda, sobre lazer e saúde. Isso tudo deu abertura à apresentação do Estatuto do Idoso, que também provocou muita surpresa, pois vimos o quanto

existe de parecido ao da criança e do adolescente. Nesse momento, “o ideal é que, na experiência educativa, educandos, educadoras e educadores, juntos, ‘convivam’ de tal maneira com este como com outros saberes de que falarei, que eles vão virando sabedoria”. (FREIRE, 2013, p. 57). Claro que as respostas sobre o envelhecimento deles ou dos outros ainda estavam muito inconclusivas, e isso nos proporciona a continuidade das ações, bem como as investigações sobre o que foi proposto. A seriedade desse estudo é assumida também pelas crianças, ao entenderem o que representa o envelhecimento na vida deles, quando passamos a buscar por conhecidos e/ou parentes que consideravam idosos; e é justamente isto que este estudo busca: uma efetivação do conhecimento adquirido e proposto.

Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a “autoridade” do “não eu”, ou do tu, que me faz assumir a radicalidade de meu eu (FREIRE, 2013, p. 57).

Com a compreensão que está sendo pedagógica e socialmente construída, na escola, sobre o processo do envelhecimento, que dissocia da decadência, e sim aproxima de um fato, é possível a construção de novos conceitos e esperanças.

8.2 CONCEITOS QUE SURGIRAM

Durante esse estudo, foi possível entender alguns conceitos elaborados pelas crianças. No início da pesquisa, foi observado que eles ainda não tinham o conhecimento teórico de que um idoso tem 60 anos ou mais. Ademais, foi possível observar que a analogia que eles faziam à pessoa idosa é que o idoso é a pessoa mais velha, um pai, uma mãe, a tia, a avó; e todo o modelo de adulto, na visão inicial da deles, seria o idoso. Em outros momentos da conversa, eles reportaram que o idoso era o avô e a avó, sem se importar com a idade.

Quando solicitado que indicassem uma figura específica, as crianças atribuíam o papel do idoso para os seus avós, e a figura que eles representavam era de uma pessoa querida, acolhedora, afetiva e cuidadora da família; as respostas foram muito parecidas e, em determinado ponto, passaram a ser repetidas pelos colegas.

Por outro lado, quando pedi que falassem de idosos em geral, as respostas foram diferentes: eles disseram que idoso é chato, não gosta de nada e briga sempre com as crianças. É importante essa discussão, porque a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) define que

“cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar os currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora. Entre esses temas, destacam-se: direitos da criança e do adolescente (Lei nº 8.069/1990) e o processo de envelhecimento, respeito e valorização do idoso (Lei nº 10.741/2003)”, entre outros.

Existe na percepção da criança uma distinção de idoso. Percebi que as crianças traziam o idoso do senso comum, ou seja, relatavam que um idoso é a pessoa mais velha, que é amorosa; mas quando a opinião era deles e das relações que eles viviam ou viam, as respostas eram diferentes: nesse momento, eles traziam a sua visão de idoso e de como eles se sentiam em relação ao idoso, ou à pessoa mais velha. E a imagem negativa aparece de diversas formas, conforme a resposta de alguns alunos:

- “Ser idoso é poder mandar nas crianças”;
- “O idoso é chato, briga por tudo”;
- “O idoso não gosta de barulho”;
- “O idoso morre”;
- “Não faz nada”.

Quando falamos sobre o envelhecer, as crianças pensam nos pontos negativos, ou seja, pensam nas perdas e nas dificuldades que surgem durante a fase do envelhecer; suas respostas fizeram com que isso fosse cada vez mais nítido, pois falaram que o idoso caminha devagar, “tem a cara enrugada”, “treme as mãos”, não consegue fazer as coisas, nem trabalhar, que fica cansado, e que só quer assistir televisão e ficar deitado, e quase sempre não gosta de barulho ou de conversar com as crianças.

As crianças demonstraram uma visão de senso comum, ou seja, um olhar estereotipado do ser idoso ou do envelhecimento, onde só as perdas foram visualizadas por elas, e, por essa razão, a dificuldade de empatia com SER idoso e a não quererem nem falar sobre eles serem idosos algum dia.

Esses conceitos foram se modificando no decorrer das atividades, uma vez que fui explicando quem é o idoso: ou seja, não é porque a pessoa é vó ou vô que ela é um idoso, conforme nossa legislação. Ao decorrer das aulas foi possível perceber a mudança de entendimento que eles foram desenvolvendo sobre a figura do idoso e de quem é o idoso, ou seja, as qualidades do envelhecimento começaram a aparecer, de forma discreta e tímida, percebendo aos poucos que também podem ter idosos ativos e com saúde. Na BNCC, essas

temáticas são contempladas em habilidades dos componentes curriculares, cabendo aos sistemas de ensino e escolas, de acordo com suas especificidades, tratá-las de forma contextualizada.

- **O que elas já sabem, agora?**

Nesse momento, foi possível evidenciar as descobertas feitas pelas crianças. Quando descobriram que existe um desenvolvimento humano e que esse desenvolvimento é um processo vivenciado por todos nós. Que nascemos, vamos descobrindo e assimilando aprendizagens, e, no decorrer do tempo, vamos deixando de fazer algumas coisas. Que criança tem seus direitos e deveres, e uma idade estabelecida, onde pudemos perceber que ser criança é de 0 a 12 anos de idade, segundo o ECA, e que as crianças também possuem uma lei para sua proteção. E que os idosos também têm um estatuto, onde constam também seus direitos e a idade em que se estabelece o ser idoso. Analisando a experiência, compreende-se a preciosidade do aprendizado quando o fazer pedagógico em sala de aula vislumbra a experiência social e política, com a inserção de educação na tentativa de releitura de novos saberes; nesse caso, sobre e com outras gerações, oportunizando a reflexão e o pensamento crítico, despertando oportunidades ao novo, e ao convívio de gerações, o que propiciou renovação de mundo e de intergeracionalidade dentro do ambiente escolar, reinventando a escola com saberes vindos de dentro e de fora, interligando-os com as disciplinas e com a BNCC. Assim:

O pressuposto pedagógico de que haveria um mundo das crianças e que, para respeitar sua autonomia, os adultos deveriam deixar que elas se autogovernassem, são radicais. Em primeiro lugar, porque a ideia de um mundo das crianças implica a recusa da dimensão histórica do mundo: a negação da durabilidade pública desse artifício humano capaz de abrigar as práticas e tradições culturais que nele surgiram e se desenvolveram. Mas implica também o abandono das crianças a seus próprios recursos e às contingências de sua vida. Isso porque o direito ao acesso a um conjunto selecionado de experiências simbólicas e narrativas que procuram compreender e dar sentido à experiência humana nesse mundo comum deixa de ser concebido como uma obrigação da instituição escolar e passa a estar sujeito aos interesses daquele que aprende (CARVALHO, 2004, p. 103).

Portanto, foi importante desenvolvermos atividades que dão sentido e relacionam a convivência intergeracional e o saber sobre o envelhecimento com o fazer pedagógico, ponderando as ações e as vivências sentidas com as práticas realizadas. Assim, interligando o ensinar e o aprender, dando significado a cada ato ao aluno, com o suporte adequado ao entendimento do que está sendo estudado, é possível que o aprendizado seja desafiador. E isso realmente aconteceu, aqui, ao ponto de transformarem-se em dúvidas todas as certezas que as crianças tinham até o início do estudo, ressignificando os saberes e as esperanças sobre o

processo do envelhecimento; na medida em que foram se desvinculando das desesperanças, renovaram as relações e os vínculos a novos conceitos sobre o envelhecer, o que, por si só, transforma esse estudo em um movimento inspirador de novas ações, atribuindo um novo olhar ao idoso.

Este estudo nos encaminha ao preparo para esse convívio intergeracional, uma vez que a educação pode ajudar a entender o processo de envelhecimento, sem ideias preconcebidas. Com planejamento e estudo, é possível observar as relações entre as gerações e das gerações, e ter essa interação, ao mesmo tempo, na escola; o convívio entre gerações e o entendimento sobre o assunto poderão ser inseridos por meio de atividades e pesquisa, através da inclusão do tema envelhecimento ou idosos durante as aulas, concomitante aos conteúdos programáticos.

- **O tema vai despertar ou não o trabalho?**

O tema despertou a curiosidade das crianças, no sentido de saberem por que estudar sobre o idoso, já que suas respostas eram: “idoso é idoso”, “o que eles têm para saber”, “eles são velhos, que só ficam no sofá”; muitos responderam isso, mas se prontificaram a saber sobre o assunto. Esse assunto buscou retratar o acontecimento real da vida do ser humano, ou seja, o envelhecimento; sendo assim, a curiosidade e o despertar para o assunto repercutiram de maneira inesperada, pois extrapolaram as paredes escolares, alcançando as esferas comunitária e familiar, bem como o entendimento das políticas públicas referentes ao envelhecimento, o que transformou as concepções dos saberes anteriores. Segundo Freire (2013), o processo educativo é quando o ensino resulta em aprendizado, onde o aluno é capaz de criar e recriar o que aprendeu, e isso ocorreu neste estudo. “Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo” (FREIRE, 2015, p. 47).

Portanto, é necessário refletir sobre a prática:

O que me interessa agora, repito, é alinhar e discutir alguns saberes fundamentais à prática educativo-crítica ou progressista e que, por isso mesmo, devem ser conteúdos obrigatórios à organização programática da formação docente. Conteúdos cuja compreensão, tão clara e tão lúcida quanto possível, deve ser elaborada na prática formadora. É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção (FREIRE, 2015, p. 24).

“É exatamente neste sentido que ensinar não se esgota no ‘tratamento’ do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível” (FREIRE, 2015, p. 29). Sendo assim, percebo que este estudo, além de despertar interesse e curiosidade, despertou entusiasmo para a realização do trabalho coletivo na aula. “E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes. Faz parte das condições em que aprender criticamente é possível” [...] (FREIRE, 2015, p. 29).

• **O que elas irão produzir a partir do trabalho realizado?**

Percebi que as crianças produziram conhecimento sobre o envelhecimento humano, e isso proporcionou a aprender mais, e, dessa maneira, elas conseguiram entender quem é o idoso, e a importância de saber sobre como cuidar da saúde e se preparar para a vida adulta e para o envelhecimento. Além disso, compreenderam que existem as políticas públicas voltadas para a população idosa, e que elas são fundamentais para a garantia de direitos. O resultado é que podem disseminar e enriquecer os saberes sobre essa realidade etária.

8.3 RESULTADO DAS ANÁLISES

Nessa parte, estou apresentando as intervenções educacionais principais, e as formas como os alunos, interagindo, responderam a elas.

Durante as ações propostas, os alunos trouxeram muitas evidências do seu imaginário sobre o processo de envelhecimento e sobre o seu próprio envelhecimento. Para as crianças, o envelhecimento pode ser ativo, mas elas também falaram muito sobre o contexto negativo. O envelhecer é inevitável, mas tem aspectos positivos, e devemos aproveitá-lo (CANÇADO; ALANIS; HORTA, 2013, p. 250).

De acordo com Vygotsky, a história do processo de internalização da fala social é também a história da socialização do intelecto prático das crianças. Assim, as palavras podem moldar a atividade dentro de uma determinada estrutura. Esta, por sua vez, pode ser reformada quando as crianças aprendem a usar a linguagem de um modo que lhes permitia ir além das experiências prévias ao planejar uma ação futura. Na verdade, o caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa por outra pessoa. Esta estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social (CANÇADO; ALANIS; HORTA, 2013, p. 250).

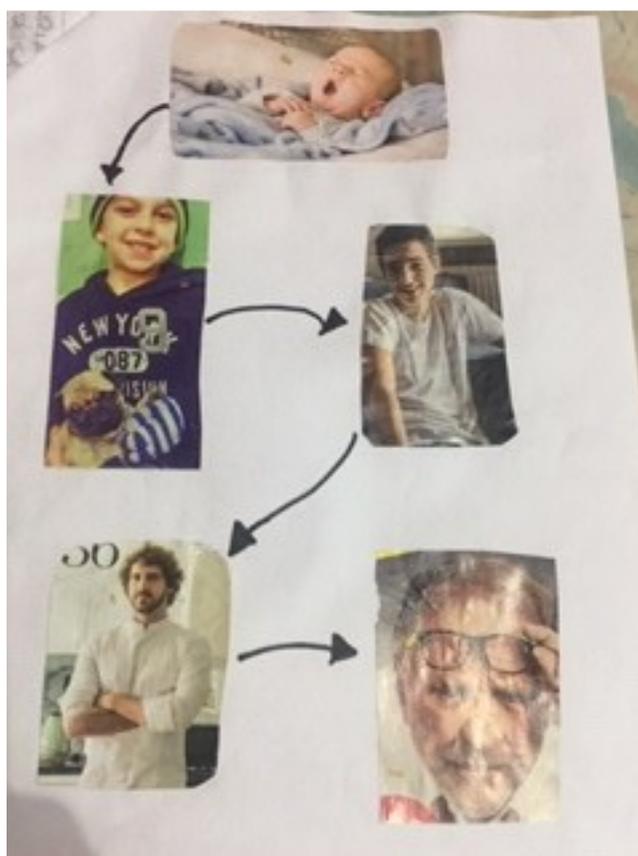
A relação que se estabeleceu entre a criança e o saber sobre o envelhecimento, bem como as diferenças entre o desenvolvimento infantil e a vida adulta até o envelhecimento indicam que existe um modelo imaginado pelas crianças e pelo grupo social que define como é “Ser”. Sendo assim,

A criança é estimulada a entrar no mundo dos objetos, das ações, e, por maturação-mediação, a conceber o mundo, a percebê-lo e a lidar com ele, com a linguagem e seus significados. Aí é convidada a organizar seus interesses e seus pensamentos de acordo com a linguagem socializada, planejando e se envolvendo com o universo circundante (BOTH; PASQUALOTTI; BOTH, 2013, p. 2265).

A representação social sobre o envelhecimento é influenciada pelos meios de comunicação e pelo senso comum, ou seja, a criança é também representada pelo meio social em que vive; nesse sentido, para ela toda pessoa mais velha é um idoso, e traz consigo as fragilidades da idade. As falas das crianças revelaram um certo consenso de quem é o idoso, e a negatividade de ser um idoso; e, ao mesmo tempo, trouxeram uma afetividade a quem é idoso, pois consideram que o idoso necessita de ajuda para sobreviver. Nesse processo, a própria noção moderna de “infância” é construída, na medida em que a necessidade de educar a criança e preparar seu futuro faz com que os pais se afastem das antigas sociabilidades (DEBERT; SIMÕES, 2013, p. 2166). Por essa razão, é possível entender as relações mais distantes sobre o envelhecer e sobre a convivência entre gerações, mas também é possível, depois de algumas atividades relacionadas ao envelhecimento, que as crianças e seus familiares se envolvam; com isso, surge o prazer em relacionar-se com as gerações, considerando as ações propostas nas aulas um gesto importante para o educar para o futuro. Assim, novos modos de olhar vão surgindo, ou seja, são encontradas outras significações ao “ser velho”; emerge a ideia de que o idoso é um portador de experiência e saberes adquiridos ao decorrer da vida, o que faz com que o olhar seja ainda mais solidário e, ao mesmo tempo, de admiração, pelas representações vivenciadas pelos mais velhos e pelo conhecimento vivido que eles têm acerca de determinados fatores. Quando perguntados novamente quem é o idoso, eles já conseguem relatar que o idoso é a pessoa com 60 anos ou mais. Eles passam a pesquisar e trazem dados pesquisados por eles,

como: alguns sobre a Organização Mundial da Saúde (OMS), que fala sobre o envelhecimento e sobre como a expectativa de vida está aumentando, bem como também referem que em países mais desenvolvidos idosos são as pessoas com 65 anos ou mais; então percebo nesse momento que elas passam também a fazer suas pesquisas e a trazerem novos saberes a serem compartilhados no grupo, e suas respostas já são de entendimento de quem é o idoso e como se dá o processo de desenvolvimento humano.

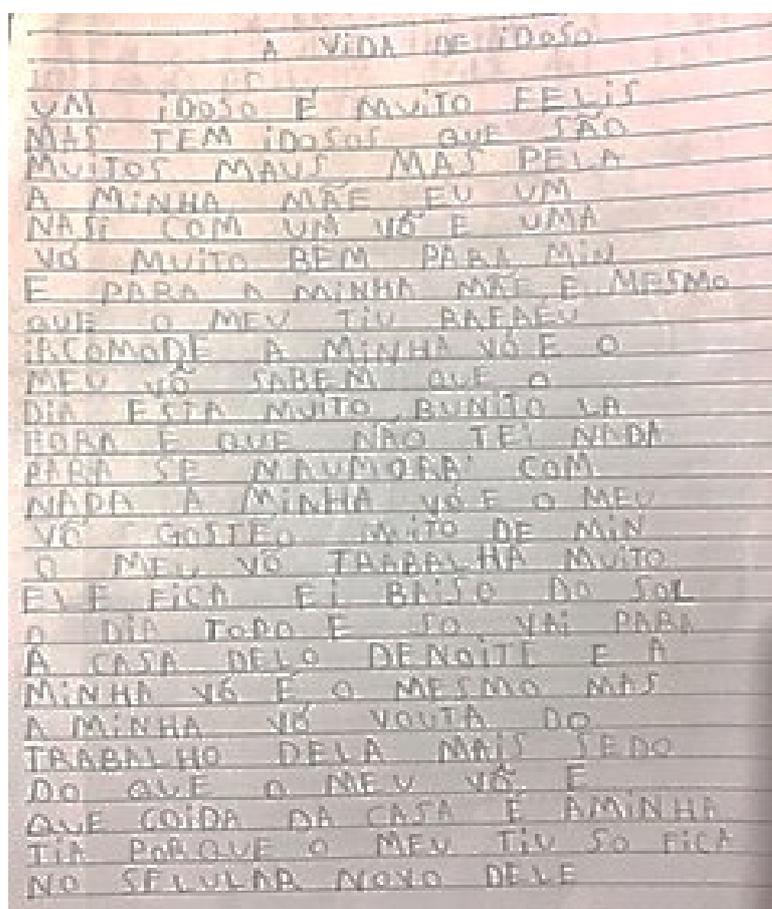
Um aluno, inclusive, traz na sua pesquisa gravuras demonstrando esse processo, e fala sobre a OMS:



SEGUNDO A ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE É CONSIDERADO IDOSO QUALQUER PESSOA A PARTIR DE 60 ANOS DE IDADE.

Observando as crianças, foi possível perceber que a clareza desse sentimento se deu nas visitas feitas pelos idosos da comunidade e de seus familiares à escola, onde elas escutaram histórias e contos de como era o mundo e a comunidade antes de terem nascido, e na infância desses idosos. Sob a influência das histórias dos idosos, esses aspectos, agora, estão presentes na vida das crianças, por meio desses saberes que foram partilhados com elas. A partir dessas

vivências, foram ressignificando os saberes já existentes. Nesse processo de aprendizagem e ressignificação de conceitos sobre o envelhecimento, a criança recebe essas informações e elabora conforme sua habilidade e sua faixa etária, e tudo isso contribui para a construção de uma sociedade envolvida no crescimento humano e na empatia a todos; com isso, passam a compreender o idoso de outra forma, não mais reverberando como verdade o discurso preconceituoso de que ser velho não serve para mais nada. “A qualidade e a extensão dos objetos ideais, dados e assumidos pela criança, distribuem-se para o resto da vida, regulando as oportunidades e, mesmo, o sucesso afetivo e cognitivo de todas as fases seguintes, incluindo a velhice” (BOTH; PASQUALOTTI; BOTH, 2013, p. 2256).



A inserção da literatura infantil e as leituras realizadas em sala de aula auxiliaram na compreensão do envelhecer, para além do saber já existente; e isso proporcionou uma reflexão dos alunos sobre o que pensavam do envelhecimento.

Neste sentido, enquanto contexto concreto em que se dá a prática produtiva, ela é também contexto teórico, no qual se pensa sobre aquela prática. Tanto quanto possível, portanto, se tenta a compreensão do movimento dinâmico entre prática e teoria no contexto mesmo da prática (FREIRE, 1980, p. 151).

A leitura do livro “Uma estátua diferente” fez com que os alunos percebessem a indiferença, e de como isso pode afetar o ser humano; a reflexão foi intensa, e o resultado foi a percepção de que não precisa tratar o outro com indiferença, nem que as dificuldades do outro sejam consideradas uma vergonha ou algo que se deva esconder por medo de que venha a ser motivo de deboche.



Também foi possível entender a passagem do tempo, com o livro “A Bisa fala cada coisa”; esse livro nos fez refletir sobre como a passagem do tempo deixa marcas na pessoa, e que também é possível percebê-la nas falas das pessoas mais velhas. Nesse momento, identificamos as conexões dos saberes das crianças e dos advindos das pessoas mais velhas.

Quando deixamos de lado nossos temores e nos aproximamos dos idosos, vêm homens e mulheres contando histórias para as crianças, com os olhos cheios de admiração. Pensamos no velho João XXIII dando vida para uma Igreja parada no tempo e na história, pensamos em Madre Teresa resgatando esperança para os cacos de gente, doentes e moribundos, despejados nas sarjetas de Calcutá e outras megalópoles do mundo (PESSINI; SIQUEIRA, 2013, p. 202).

Então, é possível que os conhecimentos, valores e experiências dos sujeitos em determinadas épocas sejam relevantes e despertem a curiosidade e o interesse em descobrir novas histórias. Os livros de história e os livros de literatura infantil juntam-se com as vivências

sentidas e vividas, dando significado ao estudado, e sugerindo empatia ao humano. É possível que essas memórias e histórias contribuam, social e historicamente, para a construção de valores e para melhorar a qualidade de vida de cada um.

As crianças, no primeiro momento, quando questionadas sobre quem é o idoso, ou a pessoa velha, apresentaram como conceito de envelhecimento uma ideia de que seus parentes mais velhos, como pais e tios, são os idosos; mas, depois de compreenderem que ser idoso não é simplesmente ser o adulto, suas percepções, aliadas aos estudos e vivências, ficaram mais bem entendidas, e passaram a dizer que o idoso que conheciam eram seus avós, bisavós. Rego afirma que o desenvolvimento da criança depende de um processo de maturação do organismo como um todo (1995, p. 57). Essa concepção se apoia na ideia de que a mente da criança contém todos os estágios do futuro desenvolvimento intelectual: eles existem na sua forma completa, esperando o momento adequado para emergir (VIGOSTSKY, 1984, p. 26).

Contudo, os alunos não consideraram seu processo de envelhecimento e revelaram que o seu próprio envelhecimento não faz sentido; porém, eles entenderam que esse processo de envelhecer existe e que isso poderá ser uma realidade para eles: isso ocorreu quando recebemos a visita de idosos e esses mostraram fotos de seu momento criança, e algumas de quando iam para a escola, conversando sobre como era na sua época de criança.

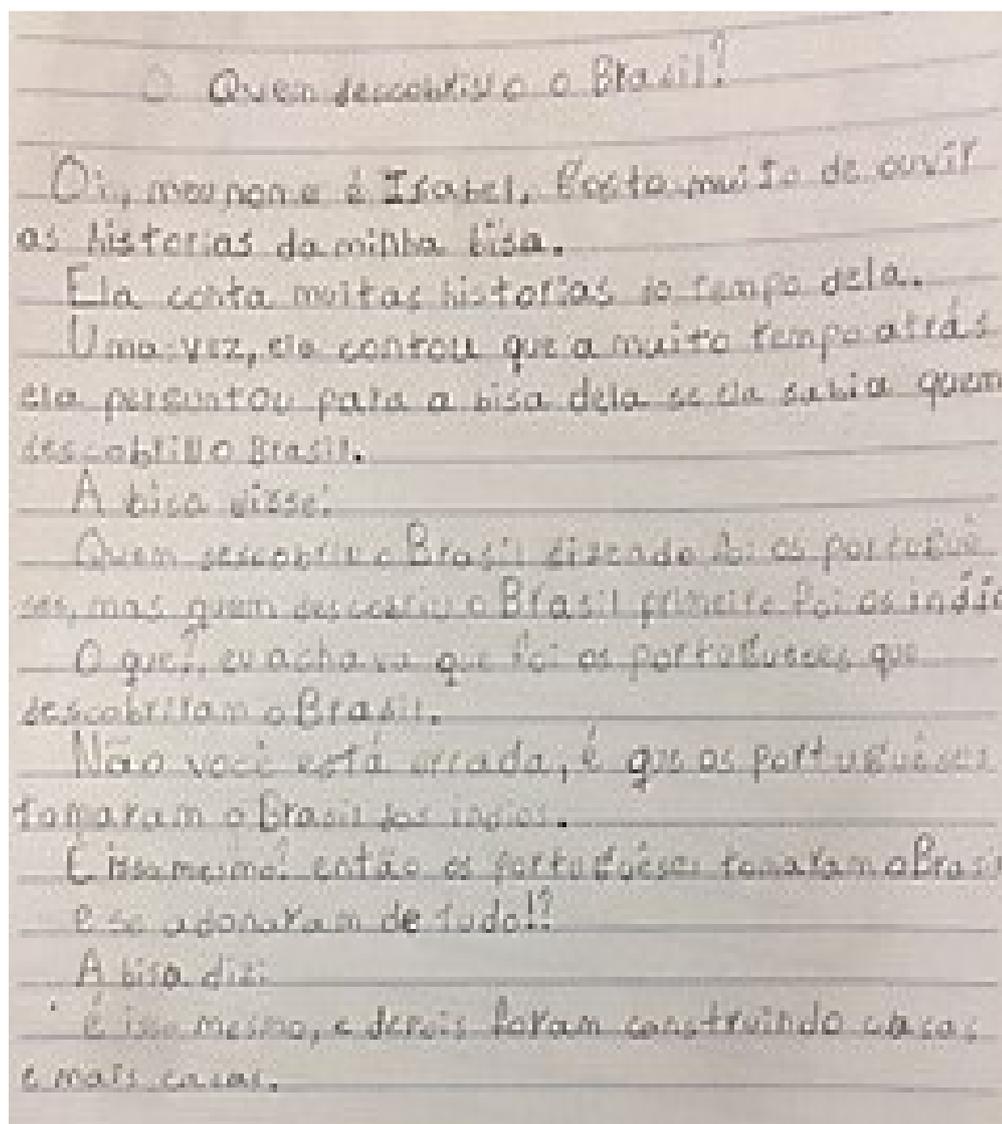
Esse mesmo sentimento também ocorreu depois que assistimos ao filme “*Up – altas aventuras*”. Logo, foi possível perceber a relação que os alunos estabeleceram entre as gerações, bem como seus conceitos, que indicam que o idoso tem um modelo definido por eles.

Essa aluna diz que quando ela estiver com 50 anos vai jogar bola com os netos, e vai levá-los na academia; diz que quer ter apenas um neto, deixando o salário para ele; na fala dela, também é possível perceber o medo da morte, e como isso se faz presente no contexto deles.

QUANDO EU TIVER 85 ANOS E VOU JOGAR
 BOLA COM OS MEUS NETOS E VOU LEVAR ELE
 NA ACADEMIA, MAS EU QUERO SÓ TER UM
 NETO E UM FILHO E VOU NO CINEMA COM
 MINHA FAMÍLIA. E QUANDO EU MORRER EU
 VOU DEIXAR O MEU SALÁRIO PARA O MEU
 NETO E EU VOU SE APOSENTAR COM 60
 ANOS E EU MUITAS SAUDADES DA MINHA
 FAMÍLIA E SE EU NÃO ESTIVER PERTO
 EU VOU ESTÁ LA NO CÉU VENDO VOCÊS
 PELO O MEU ESPÍRITO E SEMPRE
 QUERO AJUDAR VOCÊS.

E, quando questionada se sua avó joga ou faz alguma atividade com ela, a resposta é não. Muitos alunos trazem o medo da morte na velhice; porém, as perdas familiares e comunitárias, segundo eles nos trazem, são de pessoas mais jovens. Alguns avós, que faleceram durante o período em que fiz essa pesquisa, morreram de acidente, ou ao fazer uma cirurgia, ou, até mesmo, por violência. Segundo Lima, “a frustração gera violência e a violência implica em risco também para o seu utilizador [...]” (2008, p. 30).

Comecei a perceber a interdisciplinaridade logo após terminarmos a leitura do livro “Bisa Bia, Bisa Bel”. Nesse momento, também, o envolvimento e a aprendizagem se fizeram mais profundos. A leitura despertou curiosidade, imaginação, fantasias, e muito diálogo durante as aulas; foi possível interligar português, história, geografia, e ainda retomar a leitura do livro. Falando do envelhecimento e dos acontecimentos das épocas e os acontecimentos recentes, o aluno escreveu sobre o descobrimento do Brasil e fez referência ao livro lido, onde quem conta a história é a Bisa Bel (FREIRE, 2000, p. 62).



No decorrer das apresentações de livros de literatura infantil, falando de diferentes aspectos do envelhecimento humano e da interação entre as gerações, os alunos demonstraram cada dia mais empatia, entendimento desse processo e o quanto é necessário entender o outro.

Entre os livros já citados, também trabalhei livros que contemplaram as necessidades do período do envelhecimento, as perdas, as amizades, as superações, os saberes.

Fizemos muitas leituras e círculos de cultura e diálogo, onde refletíamos sobre o que líamos, e sobre o mundo que víamos.



Essas leituras contribuíram para o entendimento, para a preparação dos conceitos e para uma melhor reflexão acerca do tema do estudo



“O discurso da criança era conhecimento do ponto de vista do fato concreto” (FREIRE, 2001, p. 83). E as aulas sobre o envelhecimento oportunizaram, às crianças, a compreensão do todo, a história passada e a história presente, colocando os alunos como protagonistas do seu aprendizado. É a escola que estimula o aluno a perguntar, a criticar, a criar; onde se propõe a construção do conhecimento coletivo, articulando o saber popular e o saber crítico, científico, mediados pelas experiências do mundo. Por isso, percebi que é importante reforçar e reafirmar os novos saberes coletivamente construídos com essa turma, “dado que os velhos modelos políticos da sociedade fechada já não são válidos quando as massas se constituem em uma presença histórica que vai surgindo” (FREIRE, 1980, p. 69). Portanto, para que esse estudo não se perca no tempo, os alunos foram estimulados a escrever uma carta, que foi guardada na cápsula do tempo que fizemos na escola, com a presença de alguns familiares, que também foram convidados a escrever. Essa ação é para que possamos ver como será o conhecimento e as reações do que as crianças consideravam e viam sobre o envelhecimento e sobre a pessoa idosa, e como será quando aberta a cápsula; também fizemos uma combinação de abri-la no final do ensino fundamental, no último ano, e fazer outra, para abriremos depois de 15 anos. Essa ação favorecerá o fortalecimento e a afetividade, bem como tornará presente esse estudo realizado, contribuindo para a valorização da escola pública e seu processo de ensino-

aprendizagem, para as políticas públicas e para o crescimento pessoal de cada aluno, por meio da ação coletiva, instigando uma sociedade mais humanizada.

O projeto político-pedagógico da escola contempla o lugar da convivência intergeracional e o estudo sobre o envelhecimento, já que ele preconiza as orientações da BNCC. Esta considera que na educação básica as crianças estão vivendo mudanças importantes em seu processo de desenvolvimento, que repercutem em suas relações consigo mesmas, com os outros e com o mundo. Neste sentido, a BNCC enfatiza que a rede educacional insira nos currículos escolares propostas que contemplem o tema do envelhecimento humano, bem como outros temas, que abranjam desde a comunidade local chegando na esfera global, prioritariamente de forma transversal e integradora. Entre esses temas, estão o do objeto desse estudo: direitos da criança e do adolescente (ECA – Lei nº 8.069/1990) e os direitos das pessoas idosas (Lei nº 10.741/2003). Nesse contexto, a BNCC afirma, de maneira explícita, o seu compromisso com a educação integral. Reconhece, assim, que a Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva. Significa, ainda, assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades. Além disso, a escola, como espaço de aprendizagem e de democracia inclusiva, deve se fortalecer na prática coercitiva de não discriminação, não preconceito e respeito às diferenças e diversidades (BNCC, 2018). Portanto, não foi difícil introduzir a questão do processo do envelhecimento na turma e na escola.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS: O PROCESSO REALIZADO, VIVIDO E SENTIDO

A escrita dessa dissertação se deu em torno de uma curiosidade e de um novo aprendizado, construído durante o mestrado. Ela anuncia a intenção de partilha da pesquisa realizada com novas propostas para a educação básica, a fim de interagir com as crianças e com a comunidade escolar o processo do envelhecimento, contribuindo com o estudo desenvolvido e vivenciado. Objetiva, da realização das ações à partilha e multiplicação com os discentes e docentes, contribuir de modo significativo para uma formação humanizadora. As ideias e a vontade de aplicar as ações com turma do ensino fundamental foram intensas e geraram muitas provocações e medos. Escolher como e onde se dariam a pesquisa e a acolhida dela, desde a aprovação do meu orientador até a das crianças, foram fundamentais e estruturantes nesse processo. Por essa razão, entendo que:

Como professor, se minha opção é progressista e venho sendo coerente com ela, se não me posso permitir a ingenuidade de pensar-me igual ao educando, de desconhecer a especificidade da tarefa do professor, não posso, por outro lado, negar que o meu papel fundamental é contribuir positivamente para que o educando vá sendo o artífice de sua formação com a ajuda necessária do educador. Se trabalho com crianças, devo estar atento à difícil passagem ou caminhada da heteronomia para a autonomia, atento à responsabilidade de minha presença que tanto pode ser auxiliadora como pode virar perturbadora da busca inquieta dos educandos (FREIRE. 2000, p. 78).

A complexidade do ser humano é compreendida no processo de ensino/aprendizagem, pois o sujeito que aprende também ensina, ou seja, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 2000, p. 25). Então, é possível fazer a reflexão do que foi realizado, vivido e praticado com o que pode vir a partir desse estudo. Não posso, de maneira alguma, nas minhas relações político-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feita; então, parto da ideia de que o educador é responsável, também, pelo enriquecimento cultural e escolar do aluno, por meio das atividades educativas propostas em sala de aula. No caso dessa pesquisa, propus ações que conversassem com o novo cenário brasileiro sobre o envelhecimento e suas perspectivas e entendimentos. Para isso, observei e dialoguei com os autores e diversos temas sobre gerontologia e envelhecimento. A descoberta de interesses e de curiosidades, do saber mais, veio não só dos alunos, mas também de mim, onde me envolvi totalmente no processo. Sinto, ao finalizar esse trabalho, que há ainda muito a ser feito, o que confirma o “papel criador e recriador, o da reinvenção que o ato de conhecer demanda de seus sujeitos” (FREIRE, 1980, p. 18). E, nesse processo, compreendi que:

Do ponto de vista democrático em que me situo, mas também do ponto de vista da radicalidade metafísica em que me coloco e de que decorre minha compreensão do homem e da mulher como seres históricos e inacabados e sobre que se funda a minha inteligência do processo de conhecer, ensinar é algo mais que um verbo transitivo-relativo. Ensinar inexiste sem aprender e vice-versa, e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar (FREIRE, 2015).

No final, minha avaliação é de que inacabados estamos, e estamos na busca utópica do aprender e do compreender; dessa maneira, vamos abrindo portas e desamarrando os nós das incompletudes dos saberes, buscando as respostas, ampliando as perguntas e multiplicando os saberes.

As respostas vieram, e as dúvidas também, toda a certeza se acabou, o que resta são as perguntas. Perguntas que, no decorrer desse trabalho, foram respondidas, e outras, que serão em longo prazo. As respostas inconclusas são frutos da nossa cultura, vivência e valores aos quais ainda somos fieis, ou seja, temos ainda perspectivas históricas e preconceitos sobre o envelhecer. É possível observar, nesse estudo, que os alunos compreenderam a necessidade de se importar com o outro, bem como a importância de falar sobre o processo do envelhecimento, já que esse faz parte da vida, de um jeito ou de outro. No coletivo, o empoderamento é potencializado, já que as pessoas desenvolvem uma ação interativa, cujas experiências são compartilhadas. Percebe-se que os profissionais, empoderados de novos conhecimentos e habilidades, adquiriram maior autonomia e capacidade de inovação. (MACHADO et al., 2015).

Sendo assim, percebi que as crianças, quando falam sobre o idoso, percebem agora o desenvolvimento humano, nosso crescimento e nosso inacabamento; olham para os idosos com carinho, compreendem as perdas e o que o idoso tem de conhecimento histórico para nos ensinar. Entendem as dificuldades motoras ou até mesmo as perdas motoras e dificuldades de locomoção que o envelhecimento pode trazer ao sujeito, e também compreendem que isso faz parte do processo de envelhecer. Ao desenvolver uma pesquisa para investigar como as crianças veem ou percebem o envelhecimento, minha expectativa era de que, além de compreender essa etapa da vida, eles não temessem envelhecer. Porém, ao acompanhar o cotidiano dos alunos, ao aplicar as 30 ações, constatei que eles conseguiram entender esse processo e esse fenômeno, sendo capazes de ver quem é o idoso.

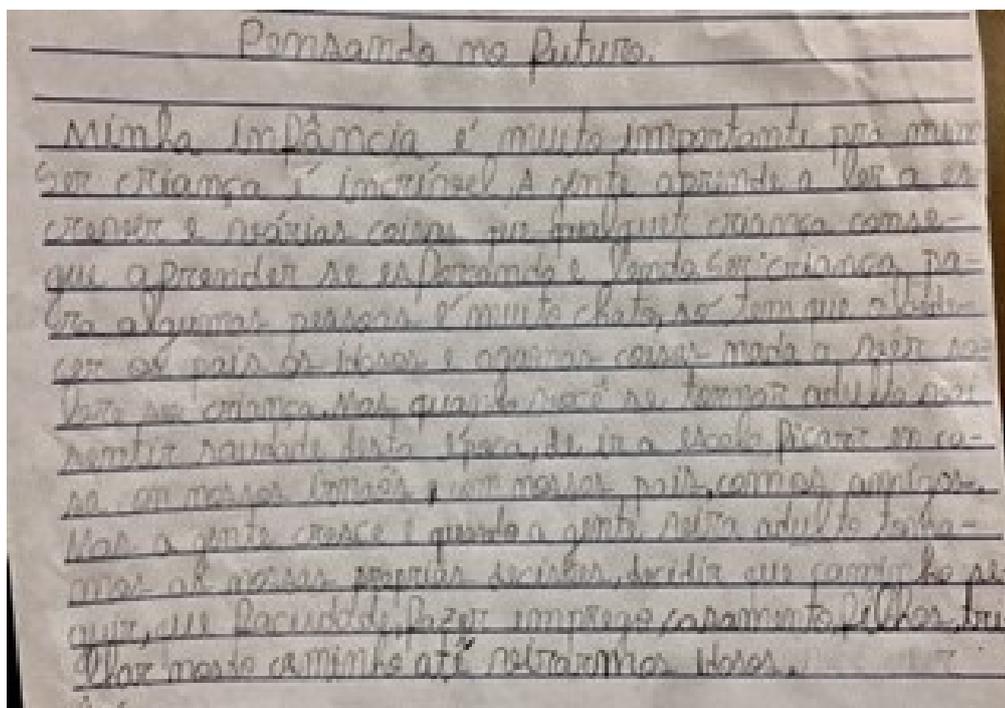
Ao analisar como as crianças veem/percebem os idosos, concluo que eles têm a imagem de um sujeito que vive isolado, que necessita de cuidado e que está muito próximo da morte, e isso os assusta. Já a forma como os alunos percebem seu próprio processo de envelhecimento é a de um sujeito que terá mais a perder do que a dar. Como podemos perceber nesse relato:

EU TERIA CABELO BRANCO
 ANDARIA DEVAGAR
 PERDERIA UM POUCO DA MEMORIA
 POSSO USA OCULOS
 TEM NETOS E FILHOS
 LE LIVRO PROS NETOS
 JA TE BOUSA FAMILIA

Mesmo depois de um estudo sobre as pessoas idosas, sem trabalhar o idoso como um vô ou vó, as figuras e as explicações que eles deram sobre quem é o idoso, e de como seria seu envelhecimento, como eles viam o seu próprio envelhecimento, trouxeram a imagem de que, quando forem idosos, serão avós.

como será a minha vida de idoso
 EU quero ter muitos filhos e netos e bisnetos
 Passear com os meus netos e com os meus
 bisnetos brincar com eles de muitas coisas
 contar sobre a minha infância quero poder
 ficar mais tempo junto com os meus netos
 do que ficar sozinho quero me apresentar
 ser muito feliz de ter netos e bisnetos se eu
 tiver, quero contar das coisas que eu fiz na minha
 infância não eu gostava muito de brincar
 de esconde esconde pega pega.

Identifiquei que eles trazem no seu imaginário a sua infância, onde a concepção de infância ainda é muito forte, e o quanto eles, com esse estudo, perceberam que ser criança é importante, mesmo envelhecendo; a brincadeira entra nos seus discursos de como será quando forem idosos.



Este estudo poderá ainda fundamentar atividades educacionais visando um desenvolvimento das relações intergeracionais, pois é algo que interessa a todos, e a curiosidade surge quando começamos a trabalhar esse processo. O grupo aprende que se pode simbolizar uma experiência vivida desenhando-a ou escrevendo-a (FREIRE, 1980, p, 54). Também foi possível observar a questão dos afetos e da socialização entre as gerações, e as histórias que eles trazem de seus avós; foi possível ver o protagonismo das crianças em buscar saber sobre o idoso, bem como o fortalecimento dos vínculos familiares, já que eles fizeram uma relação direta do idoso com seus familiares, mais precisamente com seus avós.

O ganho de experiência intergeracional no decorrer desse trabalho foi visível, já que aconteceram diversas vivências, o que serviu como uma oportunidade de mostrar à comunidade idosa sua importância. Além disso, no que se refere aos idosos que participaram, também houve essa interação e comprometimento em partilhar saberes. A relação que as crianças estabeleceram entre os idosos se deu com base no modelo dos avós, como já mencionado, sustentada por um sentimento de empatia e pertença, resultado da participação, interesse e

responsabilidades entre as faixas etárias, por estarem juntas. Posso dizer que, para os alunos participantes desse estudo, a representação do idoso se vinculou à representação dos seus avós, embora tenham aprendido que idosa é toda a pessoa com 60 anos ou mais.

Quando se tece uma educação popular na escola pública, por meio da militância social, a educação tem seu papel fundamental, pois atua na construção de um ensino público de qualidade para o povo, o qual possibilite uma participação política efetiva do povo. Ou seja, nos termos defendidos por Saviani (2013): “uma educação do povo, pelo povo e para o povo”.

A partir desse estudo, o processo de envelhecimento passa a ter visibilidade para a criança, e consegue uma inclusão nas atividades escolares, na comunidade familiar e escolar, alcançando, sem dúvida, avanços consideráveis no que diz respeito ao entendimento, à humanização do ser humano e aos valores e respeito ao ser humano de qualquer faixa etária, mais precisamente ao idoso. Além disso, foi possível conhecer as legislações e conquistas de direitos, próprios dos idosos; nesse sentido, foi possível perceber, a partir do trabalho realizado, tendo como objeto de estudo o idoso, a criança e o processo do envelhecimento do outro e de si, o papel da interação na construção do saber, através de um método educativo que mostrou as potencialidades de cada um. Isso nos permite considerar que o estudo promoveu relações de ensino-aprendizagem dialógicas, que transformaram o próprio objeto e a prática deste estudo, ao passarmos a ver a pessoa em relação com o mundo e não apenas com o seu envelhecimento (PATROCÍNIO; PEREIRA, 2013).

O processo de envelhecimento constituiu-se como uma grande contradição nas falas das crianças, já que ninguém quer envelhecer:

- “Não quero envelhecer!”
- “Fazer o que né, não adianta nada, vou envelhecer.”
- “Eu querendo ou não, vou ficar velho.”
- “Ser velho é muito chato, e eu acho que vai ser muito chato.”
- “Eu não quero morrer, mas, quando eu ficar velho, vou morrer mesmo assim!”
- “Se a gente não morrer, vai ficar velho mesmo.”

Assim, o envelhecimento é visto como uma história de perdas físicas, mentais e sociais, o que, geralmente, impõe limitações ao indivíduo (BOTH, 2013; RIZZOLLI; SURD, 2010). Percebi, com o estudo, que a criança, depois das ações aplicadas, compreende quem é o idoso agora, porém ainda não se vê nesse processo. E os alunos sabem que não querem isso para eles. Para que o assunto do envelhecimento se mantenha “vivo” na escola e com perspectivas de conquistas, é necessário o fortalecimento desse estudo e a sua ampliação.

Ao concluir essa pesquisa e finalizar a escrita desta dissertação, faço a reflexão de toda a vivência dessa caminhada, da alegria, dos desafios, dos medos e inquietações; tudo isso contribuiu para provocar o desejo de continuar, de me desafiar e de superar os desafios; também reconheço os novos saberes adquiridos e o quanto ainda temos que estudar, e o quanto temos a contribuir enquanto educadores e educadoras, para a transformação de uma sociedade mais humana e menos injusta com a população, sobretudo com os menos privilegiados economicamente. Todo o caminho até aqui foi significativo. Percebo que essa construção desde o primeiro dia, a dissertação/pesquisa e aplicação, são, no entanto, aprendizado significativo, concreto e vivido; percebo nesse momento que a escrita se torna tão pequena quando comparada aos fazeres dessa pesquisa. É possível afirmar que adquiri novos conhecimentos, e que também contribuí para que outros adquirissem.

Por fim, me anima pensar que essa dissertação pode anunciar esperanças e perspectivas na constituição da dialogicidade entre o presente e o futuro, aproximar gerações e contribuir com a sociedade para a diminuição do preconceito, bem como para uma sociedade humanizada, e professores que se interessem em produzir ou reproduzir as ações realizadas com as crianças. Talvez, assim como eu, outros professores possam se interessar e continuar essa caminhada. Desejo, ainda, poder continuar e aprofundar esse estudo e/ou algumas ideias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES DE OLIVEIRA, Nathalia et al. Avaliação da atitude das crianças que residem com idosos em relação à velhice. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 28, n. 1, 2015.

ARAÚJO, Larissa Fortunato et al. Evidências da contribuição dos programas de assistência ao idoso na promoção do envelhecimento saudável no Brasil. **Revista Panamericana de Salud Pública**, v. 30, p. 80-86, 2011.

BISHOP, N. P.; LU, T.; YANKNER, B. A. Neural mechanism of aging and cognitive decline. **Nature**, v. 464, n.7288, p. 529-35, 2010.

BOTH, Agostinho; PASQUALOTTI; BOTH, Tatiana Lima. Gerontologia, longevidade e educação: fundamentos, práticas e processos. In: FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Ligia. Eds. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2013. p. 2255-2270.

BOTH, Juliane Elis et al. Grupos de convivência: uma estratégia de inserção do idoso na sociedade. **Revista Contexto & Saúde**, v. 11, n. 20, p. 995-998, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. (Publicado originalmente em francês, 1989).

_____. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. **Espaço social e poder simbólico**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. **Travail e travailleurs en Algérie**. Paris, La Haye: Mouton, 1963.

_____. **A distinção crítica social do julgamento**. São Paulo: EDUSP, 2007.

_____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. 9. ed. São Paulo: Papirus, 2008.

BOYES-WATSON, Carolyn; PRANIS, Kay. **No coração da esperança: guia de práticas circulares**. [Porto Alegre]: AJURIS/Escola Superior da Magistratura, 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Círculo de diálogo. In: STRECK, Danilo E.; REDIN, Euclides; ZITKODKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Autêntica, 2010. p. 69-70.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, de 05 de outubro de 1988. Brasília, 1988.

_____. **Emenda Constitucional nº 59**, de 11 de novembro de 2009. Brasília, 2009.

_____. **Envelhecimento e saúde da pessoa idosa**. Brasília, Ministério da Saúde, 2006.

_____. **Lei nº 10.741 – Estatuto do Idoso**. Brasília: Senado Federal, 2003.

____. **Lei nº 8.069 – Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília, 13 julho de 1990.

____. **Lei nº 9.394 – Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 20 dez. 1996.

BUBER, Martin. **Eu e tu**. Trad. de Newton Aquiles Von Zuber. São Paulo: Moraes, 1974.

BURLÁ, C. et al. Panorama prospectivo das demências no Brasil: um enfoque demográfico. **Ciências, Saúde Coletiva**, v. 18, n.10, p. 2949-2956, 2013.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange. Envelhecimento da população brasileira – Uma contribuição demográfica. In: FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Lígia (Eds.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016. p. 52-64.

CANÇADO, Flávio Aluizio Xavier; ALANIS, Laura Magalhães; HORTA, Marcos de Lima. Envelhecimento cerebral. In: FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Lígia. Eds. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2013. p. 232-255.

CARVALHO, Cecília Barros. **Concepções e representações de envelhecimento e sujeito idoso**: uma contribuição para o ensino mediante conhecimentos favoráveis à inserção social. Doutorado [Educação], Universidade Estadual Paulista. São Paulo: UESP, 01/12/2004. 183 f.

CLOSS, V. E.; SCHWANKE, C. H. A. A evolução do índice de envelhecimento no Brasil, nas suas regiões e unidades federativas no período de 1970 a 2010. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v.15, n. 3, p. 443-458, 2012.

COSTA NETO, Artur. **No olhar da criança o “retrato velado” da discriminação do idoso**. Mestrado [Gerontologia], Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUCSP, 01/06/2004. 157f.

CRAIDY, Carmen M.; SZUCHMAN, Karine (Orgs.). **Socioeducação**: fundamentos e práticas. Porto Alegre: Evangraf, 2015.

DA SILVA, Ítalo Batista; TAVARES, Otávio Augusto de Oliveira. **Uma pedagogia multidisciplinar, interdisciplinar ou transdisciplinar para o ensino/aprendizagem física**. [s.n.t.].

DEBERT, Guita Grin; SIMÕES, Júlio Assis. Envelhecimento e velhice na família contemporânea. In: FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Lígia. Eds. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2013. p. 2164-2176.

DOLL, Johannes. A educação no processo de envelhecimento. In: FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Lígia (Eds.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016. p. 1598-1603.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE - Lei 8069/90 | Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990

ERIKSON, E. H. **Domínio público**. 1998. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v23n71/v23n71a11.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2018.

- _____. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- _____. **Infância e sociedade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- _____; ERIKSON, J. **O ciclo da vida completo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- FREIRE, Paulo. **Cartas a Guiné-Bissau – Paz e Bem**, 1980.
- _____. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- _____. **Educação das cidades**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____. **Extensão ou comunicação?** 8. ed. Trad. de Rosisca Darcy de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1985.
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2000. [Coleção Leitura; 15].
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2013. [Coleção Leitura; 47].
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 51. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- _____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- _____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. 22. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1993.
- _____. **Pedagogia da tolerância**. 3. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- _____. **Política e educação**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- _____. **Política e educação: ensaios**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- GADOTTI, Moacir; FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Pedagogia: diálogo e conflito**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2015.
- GATTI, Bernadete Angelina. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Plano, 2002.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais**: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GOMES JÚNIOR, Edmundo de Paula. **Pedagogia da idade** – o discurso sobre o velho e o envelhecimento no ambiente escolar. Mestrado [Educação], Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora: UFJF, 01/08/2007. 142 f.

GÓMEZ, Pérez. I. Ángel. **Educação na era digital**: A escola educativa. Porto Alegre: Penso, 2015.

GUÉ, R. Envelhecimento ativo: uma estratégia de abordagem da velhice. In: **Temas sobre envelhecimento ativo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013. p. 265-283.

GUSMÃO, N. M. S. de. Infância e velhice: desafios da multiculturalidade. **Infância e velhice**: pesquisa de ideias. São Paulo: Alínea, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html>>. Acesso em: 05 jul. 2016.

LIMA, Gabriel Azevedo Costa. Envelhecimento e construção dos sentidos. **Memorialidades**, v. 5, n. 9-10, p. 331-354, 2008.

LUCHESE, Bruna Moretti et al. Avaliação da atitude de crianças que convivem com idosos em relação à velhice. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 33, n. 4, p. 33-40, 2012.

MACHADO, A. R. M. et al. Empowering a group of seniors in a rural community. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 49, n. 1, p. 96–103, fev. 2015.

MAZUTTI, Cristiane Helenice. **Velhice e envelhecimento humano**: concepções de pré-escolares do município de Tapejara – RS, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: ____ (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

MÜHL, Eldon Henrique; ESQUINSANI, Valdecir Antonio (Orgs.). **O diálogo ressignificando o cotidiano escolar**. Passo Fundo: UFP, 2004.

NERI, Anita Liberalesso. Teorias psicológicas do desenvolvimento/ percurso histórico e teorias atuais. In: FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Lígia (Eds.). **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016. p. 28-39.

____. **Palavras-chave em Gerontologia**. Campinas: Alínea, 2005.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório mundial de envelhecimento e saúde 2015**. Disponível em: <<http://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>>. Acesso em: 04 jul. 2016.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da pesquisa**: abordagem teórico-prática. 2. ed. São Paulo: Papyrus, 1997.

PATROCINIO, W. P.; PEREIRA, B. DA P. DA C. Efeitos da educação em saúde sobre atitudes de idosos e sua contribuição para a educação gerontológica. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 11, n. 2, p. 375–394, ago. 2013.

PAPALÉO NETTO, Matheus. O estudo da velhice/ histórico, definição do campo e termos básicos. In: FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Lígia (Eds.). **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016. p. 3-13.

PAULO, Fernanda dos Santos. **Pioneiros e pioneiras da educação popular freiriana e a universidade**. Tese (Doutorado em educação) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2018.

____; NACHTIGALL, Nara Rosana Godfried; GÔES, Taís Pereira de. Educação Popular e Educação Social a partir de Paulo Freire: conceitos em disputas ou complementares? **Revista Pedagógica**, v. 21, 2019, p. 43-62. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/4535/2693>. Acesso: 20 maio de 2019.

PEREIRA, Vilmar Alves; CLARO, Lisiane Costa. **Epistemologia & Metodologia nas pesquisas em Educação**. Passo Fundo: Méritos, 2012.

PESSINI, Léo; SIQUEIRA, José Eduardo de. Bioética, envelhecimento humano e dignidade no adeus à vida. In: FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Lígia. Eds. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2013. p. 196-208.

PIAGET, Jean. **Psicologia da inteligência**. 2.ed. Trad. de Nathanael Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

RAMOS, Anne Carolina. **Cultura infantil e envelhecimento: o que as crianças têm a dizer sobre a velhice?** Um estudo com meninos e meninas da periferia de Porto Alegre. Mestrado [Educação], Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 01/11/2006. 266 f.

REGO, Tereza Cristina. **Vygotsky** – uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

ROSA, I. **Minidicionário compacto da língua portuguesa**. São Paulo: Idel, 1999.

RIZZOLLI, Darlan; SURD, Aguinaldo César. Percepção dos idosos sobre grupos de terceira idade. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 13, n. 2, p. 225-233, 2010.

SANTOS, Silvana Sidney Costa. O significado do ser idoso para a criança através de seus desenhos e histórias. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 50, n. 2, p. 297-297, 1997.

SANTOS, Silvia Maria Azevedo dos. Infância e velhice: o convívio que nos abre caminhos. **Infância e velhice: pesquisa de ideias**, p. 47-56, 2003.

SAUL, Ana Maria. Currículo. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SAVIANI, Dermeval. **A pedagogia no Brasil: história e teoria**. Autores Associados, 2008.

_____. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2013.

SCHNEIDER, Rodolfo Herberto; IRIGARAY, Tatiana Quarti. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estudos de Psicologia I**, Campinas, v. 25, n. 4, p. 585-593, out.-dez. 2008.

SHAFFER, David Reed. **Psicologia do desenvolvimento: infância e adolescência**. Trad. da 6ª edição norte-americana de Cíntia Regina Pemberton Cancissu. São Paulo: Pioneira, 2005.

_____. **Psicologia do desenvolvimento: infância e adolescência**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

SILVA, Denise Araújo da. **A abordagem da temática velhice nos livros didáticos de língua portuguesa direcionados à 1ª série do Ciclo I do Ensino Fundamental**. Mestrado [Educação (Psicologia da Educação)], Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUCSP, 01/12/2006. 95 f.

SQUIRE, L. R.; KANDEL, E. R. **Memória da mente às moléculas**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

TERRA, Newton Luiz. **Temas de geriatria e gerontologia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.

THIOLLENT, Michel de. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986. [Coleção Temas Básicos].

TRINDADE, Rita de Cássia Magalhães. **Ser professor no tempo do envelhecimento: professoralidade em cena**. Doutorado [Educação (Currículo)], Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUCSP, 01/03/2001. 200 f.

VASCONCELOS, E. M. Desinstitucionalização e Interdisciplinaridade em Saúde Mental. In: E. M. VASCONCELOS, E. M.; FURTADO, T. Saúde mental e desinstitucionalização: reinventando serviços. **Cadernos do IPUB**, Rio de Janeiro, n. 7, 1997.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins fontes, 1984.

WALBER, E. W. Viver-envelhecer consciente: a escola como espaço decisivo para a qualidade de vida na terceira idade. In: BOTH, A.; MAIAS, L. G.; GIUSTI, I. (Orgs.). **Os mais velhos... em novos tempos**. Passo Fundo: Berthier, 2004. p. 55-56.

WALDMAN, Beatriz Ferreira. **Envelhecimento bem-sucedido: uma metodologia de cuidado a pessoas com diabetes mellitus**. Tese (Doutorado em Gerontologia Biomédica). Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2006. 233 f.

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. O idoso na contemporaneidade: a necessidade de se educar a sociedade para as exigências desse novo ator social, titular de direitos. **Cadernos Cedex**, p. 179-188, 2010.

ZITKOSKI, Jaime J; MORIGI, Valter (Orgs.). **Experiências emancipatórias e educação: a docência e a pesquisa**. Porto Alegre: CORAG, 2013.

<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v23n71/v23n71a11.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2018

APÊNDICE A

TERMO DE CONCORDÂNCIA DA INSTITUIÇÃO

A presente pesquisa tem por objetivo investigar quais são os saberes das crianças sobre as pessoas idosas, e, no contexto escolar, saber como as crianças pensam sobre seu próprio processo de envelhecimento. Esse estudo busca criar um diálogo entre escola e currículo escolar, com o intuito de dar mais ênfase ao novo cenário nacional, que é o aumento da população idosa no Brasil.

Para tanto, solicito autorização para realizar este estudo nesta instituição. Também será utilizado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para cada familiar das crianças. A coleta de dados envolverá a aplicação de atividades em sala de aula. A coleta será realizada pela professora da turma Nara Rosana Godfried Nachtigall, sem nenhum prejuízo ao currículo anual. Todos os cuidados serão tomados para garantir o sigilo e a confidencialidade das informações, preservando a identidade dos participantes, bem como da instituição. Os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem aos Critérios de Ética na Pesquisa com Seres Humanos nas Ciências Humanas e Sociais, conforme a Resolução nº 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos realizados oferece riscos à dignidade do participante. Todo material desta pesquisa ficará sob responsabilidade da pesquisadora do estudo. Deverá ser realizada uma devolução dos resultados, para a escola. Por meio deste trabalho, espero contribuir com importantes achados para a manutenção do currículo escolar e para a área da educação, no sentido de introduzir no fazer escolar as questões do Estatuto do Idoso no que diz respeito ao artigo 22. Coloco-me à disposição para esclarecimentos. O orientador deste projeto da pesquisa é o professor Dr. Johannes Doll (UFRGS).

Agradeço a colaboração dessa instituição para a realização desta atividade de pesquisa de mestrado.

Concordamos que as crianças da turma dos anos iniciais do ensino fundamental desta instituição participem do presente estudo.

Responsável: _____

APÊNDICE B**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(TALE)**

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “Como alunos dos anos iniciais visualizam o envelhecimento em outros e em si-mesmos?”, coordenada pelo professor Johannes Doll, Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Seus pais e/ou responsáveis permitiram que você participasse deste estudo. Com esta pesquisa, queremos saber como as crianças pensam sobre o processo de envelhecimento. Você só precisa participar da pesquisa se quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir.

A pesquisa será feita na própria escola, onde as crianças realizarão diferentes atividades em sala de aula, sobre o que é envelhecimento, quem é o idoso, conhecer livros sobre o envelhecimento, conversar sobre o que é envelhecer, e o que acontece nesse momento da vida. Estas atividades são seguras, mas é possível ocorrer que você fique pensativo sobre o processo de envelhecer. Caso aconteça algo errado, você pode nos procurar pelos telefones que estão informados no começo do texto; mas há coisas boas que podem acontecer, como ter uma percepção mais clara sobre o envelhecimento e sobre as pessoas.

Os resultados da pesquisa vão ser publicados em forma de uma dissertação de mestrado, em artigos científicos e em palestras, mas sem identificar as crianças que participaram. Se você ou os responsáveis por você tiver(em) dúvidas com relação ao estudo, direitos do participante, ou riscos relacionados ao estudo, você deve contatar o(a) responsável por esta pesquisa, Prof. Johannes Doll, do Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação da UFRGS, telefone: (51) 3308.3679. Da mesma forma, você pode contatar o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. O CEP por intermédio do telefone (51) 3308.3738. Também pode fazer contato com a Comissão de Pesquisa da Faculdade de Educação, Av. Paulo Gama, s/n, sala 918, Centro Histórico, Porto Alegre, RS – CEP: 90046-900 – Fone: 3308.3098. Agradecemos a sua autorização e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Eu, _____, aceito participar da pesquisa “Como alunos dos anos iniciais visualizam o envelhecimento em outros e em si-mesmos?”. Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar com raiva de mim.

Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li, e concordo em participar da pesquisa.

Porto Alegre, ____ de _____ de _____.

Assinatura do participante

Assinatura do coordenador da pesquisa